

NINOCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim

CHANUCÁ SAMÊACH!

DE CRIANÇA
PARA CRIANÇA
Anjos

EDUCAÇÃO
Semear e
Construir

DINHEIRO
EM XEQUE
O Rim

É tempo de festejar a preservação dos valores milenares desta cultura tão rica.

Nós do **Sacolão Higienópolis** desejamos um Chanucá feliz e iluminado!



EXIJA O SELO DE SUPERVISÃO RABÍNICA

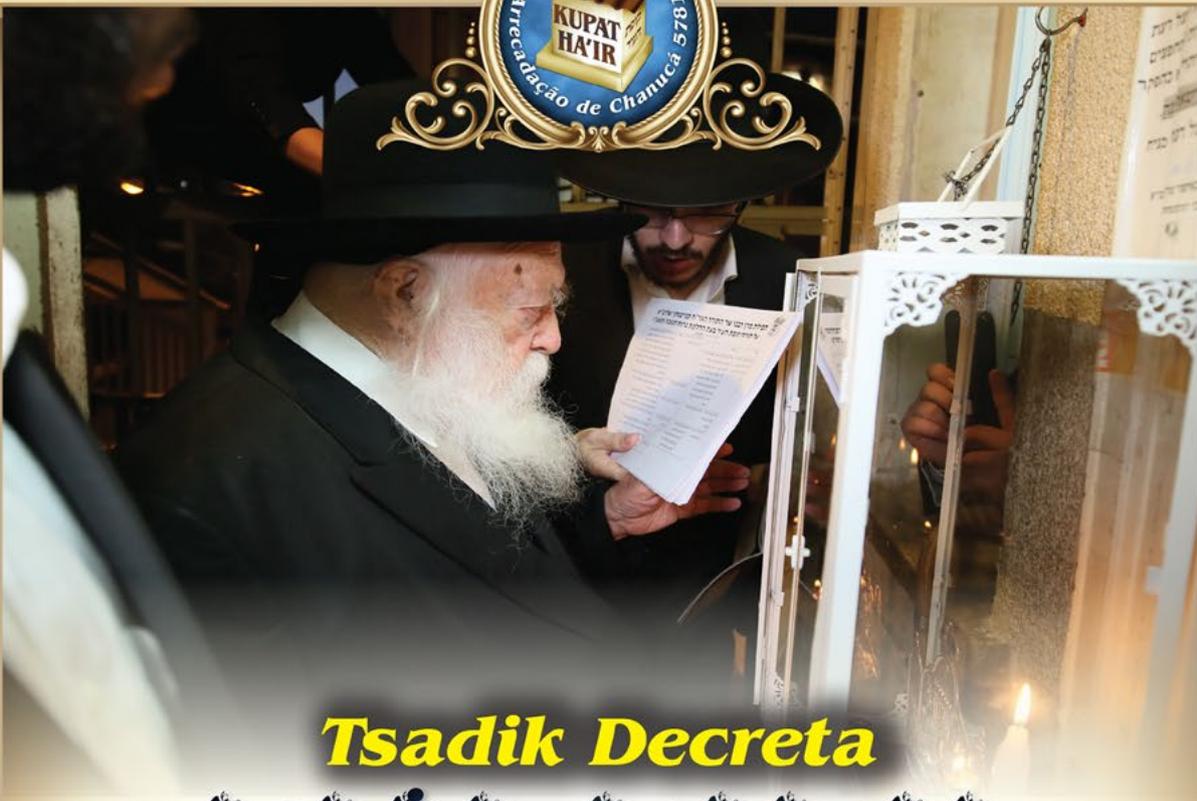


RUA DONA VERIDIANA, 158/162
HIGIENÓPOLIS ☎3331-4672

HORÁRIO DE ATENDIMENTO:
SEGUNDA A SÁBADO: DAS 7H ÀS 21H.
DOMINGOS E FERIADOS: DAS 8H ÀS 20H.

  /SACOLAO.HIGIENOPOLIS





Tsadik Decreta

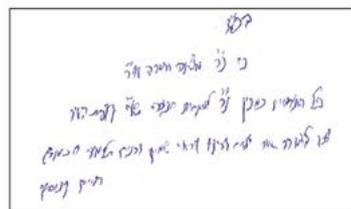
צַדִּיק גִּזְרָה

Nosso Mestre, o Gaon Rav Chaim Kanievsky Shelita, numa carta emocionante e uma bênção histórica e especial, escrita por suas mãos sagradas, em prol da arrecadação de Chanucá da Kupat Hair.

BS"D

"Ki Ner Mitsvá Veturá Or" – "Pois a mitsvá é uma vela e a Torá, a luz". Todos aqueles que doarem Ner – 250 – נר para a arrecadação de Chanucá da Kupat Hair, Merecerão Torá Or – filhos tsadikim e tementes a D'us, e filhos talmidê chachamim.

Chaim Kanievsky



Os nomes de todos os que doarem 250,00 conforme o apelo de nosso mestre, serão transmitidos para nosso mestre orar por eles na terceira parte da última noite de Chanucá (Zot chanucá), para serem lembrados na hora propícia para bênçãos e salvações em todos os seus pedidos, tantos materiais como espirituais.



0800-891-6701

Israel: +97236716982

www.kupat.org





Nº 172

Capa:

O Acendimento da Chanukiyá. Comemorando II, pág. 43.

Expediente

A revista Nascente é um órgão bimestral de divulgação da Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400
Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios e os conceitos emitidos nos artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião da diretoria da Congregação Mekor Haim ou de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados. Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE

Nesta Edição



43

Comemorando II
"O Acendimento da Chanukiyá".



53

De Criança Para Criança
"Anjos".



18

Era Uma Vez II
"Gaivota".

10

Visão Judaica I
"Cada Fio de Cabelo".

46

Passatempos
"Pega Palavras, Jogo dos 7 Erros e Trilha Maluca".

19

Visão Judaica II
"Leis que Regem a Sociedade".
R. I. Dichi

21

Israel
"Primavera em Israel: Encantos e Contrastes".

26

Comemorando I
"Paz Perigosa".
Rabino Elie Bahbout

34

Leis e Costumes
"Keviut Seudá"
R. I. Dichi



11

Variedades I
"O Cérebro e as Dores".



13

Educação
"Conceitos de Fé".
R. I. Dichi



40

Truques e Dicas
"Restaurando".



07

Dinheiro em Xeque
"O Rim".



09

Era Uma Vez I
"Pedido Insistente".

29

Torá e Ciência
"Investimentos Financeiros".
Yaco Alexander Kirzner Chirou

33

Pensando Bem
"Bom Dia!".

31

Variedades II
"Segredo".
R. Kalman Packouz z"l

49

Datas e Dados
"Datas e horários judaicos, parashiyot e haftarot para os meses de Kislev e Tevet".

41

Saúde
"Falando Sobre o Câncer de Pele".
Dr. Bension Segal

24

Quem Sabe Responde
"Um Desafio à Sua Sabedoria".

36

Variedades III
"Hashem me Deu um Soco".

38

Visão Judaica III
"Central de Informações".
R. Yochanan David Salomon

Nos dias de hoje, a moda, ou a regra, é ser forte, belo, perfeito. Os valores intelectuais e, principalmente, os espirituais estão relegados a um segundo plano pela sociedade laica.

O corpo deve ser perfeito! Milhões de jovens sustentam as academias de ginástica. Muitos procuram cirurgias plásticas. Ser velho não é aconselhável; por isso, cirurgias eliminam vestígios deugas.

Como ser gordo é proibido, a indústria de produtos dietéticos nunca faturou tanto. E os especialistas em cirurgias de estômago estão cada vez mais ocupados.

Todo esse sistema é o resultado de anos e anos de uma sociedade exclusivamente materialista. Cinema e televisão forjam mitos e incutem no povo um modelo estético de beleza e perfeição física.

A visão do judaísmo é contrária a tudo isso. A *Torá* recomenda claramente que cuidemos muito bem dos nossos corpos, mas para que possamos trabalhar melhor nossas almas. O corpo é apenas temporário e a alma é eterna. Assim, é um contra-senso trabalhar o corpo e relegar o espírito.

A *Torá* é clara quanto à primazia do espírito sobre a força física. Sobre quem deveria ir para a guerra, consta (Devarim 20:8): “E continuarão os policiais a falar ao povo e dirão: ‘Que o homem que teme e é mole de coração ande e volte para sua casa e não derreta o coração de seus irmãos como o seu coração’”. Segundo a *Guemará*, “aquele que teme” é uma referência às pessoas que possuíam pecados e, por isso, temiam a morte na guerra. Daqui vemos que a elite das guerras não eram os fortes, mas sim os justos.

Em um nível mais profundo, o Rabino Aryeh Kaplan *zt”l* explica o que os *mecubalim* denominam de *chibut hakêver* – o malho da sepultura. Após a morte, pode acontecer uma grande “angústia psicológica” da alma ao ver sua “habitação terrena” em um estado de deterioração. Isto varia de um indivíduo para outro. Quanto mais a pessoa se preocupar com o corpo e o mundo material durante a vida, mais ela se manterá presa a eles após a morte. Assim, esta deterioração do corpo pode resultar extremamente dolorosa. No caso de uma pessoa que estava imersa no espiritual, é capaz de não se importar com o destino de seu corpo. Se ela se sente à vontade no reino espiritual, logo esquece por completo de seu corpo. Assim, os *tsadikim* não são afetados pelo *chibut hakêver*, pois nunca atribuem importância excessiva ao seu corpo material.

A busca pela perfeição e beleza física não é uma novidade do mundo contemporâneo. A festa de *Chanucá* vem nos lembrar o quanto esta filosofia prejudicou nosso povo e como conseguimos fazer prevalecer os valores espirituais. Muito mais que uma guerra física, a guerra entre judeus e gregos foi de conceitos, de pensamentos. *Chanucá* vem nos mostrar que a força e a beleza espirituais são muito mais poderosas e formosas que a força e a beleza física – idealizadas pelos gregos.

Do mesmo modo que há mais de dois mil anos os poucos venceram os muitos, nós também podemos fazer o espírito prevalecer sobre a matéria, tanto em nossa família como em nossa comunidade. ■



O Rim

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

Efráyim estava sentindo muitas dores nas costas e resolveu ir ao médico para averiguar o motivo das dores.

Após realizar alguns exames, foi constatado que havia algumas pedras no seu rim direito. Os cálculos renais certamente eram a causa das dores que estava sentindo.

O médico logo o aconselhou a retirar cirurgicamente as pedras que estavam em seu rim direito.

Tratava-se de uma cirurgia delicada que requeria grande destreza do cirurgião. Efráyim

não mediu esforços e contratou o doutor Reuven, que era o melhor cirurgião do hospital.

Ao realizar a operação, Dr. Reuven cometeu um erro grotesco. Em vez de realizar a cirurgia como havia sido combinado, ele se confundiu e extraiu o rim! E o pior de tudo, o rim esquerdo, que não tinha o problema das pedras!

Ainda convalescendo no hospital, Efráyim entrou com uma ação de perdas e danos contra o Dr. Reuven. Além disso, pediu a cassação do seu registro no Conselho Regional de Medicina.

Entrementes saiu o resultado da biópsia do rim retirado. Para surpresa de todos, foi descoberto que havia um enorme tumor maligno nele! Incrível! Pois, se o rim não tivesse sido extraído, o tumor iria se espalhar e o problema seria fatal a Efráyim.

O erro do Dr. Reuven acabou salvando a vida de Efráyim!

Apesar disso, Efráyim não retirou a ação movida contra o Dr. Reuven. Efráyim alegou que, independente de qualquer resultado, o Dr. Reuven precisava pagar pelo erro que cometeu.

O Dr. Reuven, por sua vez, alegou que o que ele fez acabou salvando a vida de Efráyim. Sendo assim, além de não merecer qualquer punição, tinha direito a receber o pagamento relativo à operação, conforme havia sido estipulado anteriormente.

Será que o Dr. Reuven deve pagar uma indenização a Efráyim por ter operado o rim errado?

Será que ele deve ser punido com a cassação de seu registro no Conselho Regional de Medicina?

Será que Efráyim está isento de pagar ao Dr. Reuven pela operação que salvou sua vida?

O Veredicto

Em relação à primeira pergunta, se o Dr. Reuven está obrigado a pagar uma indenização para Efráyim por ter retirado o rim errado, o Rav Zilberstein disse que lhe parece que ele está isento de pagar. O Dr. Reuven não causou nenhum dano a Efráyim, e por isso não tem por que pagar. Muito pelo contrário, retirou o rim com tumor, prestando-lhe um grande benefício. Frente ao quadro revelado após a biópsia, qualquer cirurgia estaria obrigado a extrair este rim de Efráyim. Assim, o Dr. Reuven acabou fazendo o que realmente deveria fazer.

O ato do Dr. Reuven foi correto. Sobre isso, cabe mencionar um caso citado na *Guemará*, no Tratado de *Menachot* (64a).

A *Guemará* traz o caso de um homem que saiu para pescar no *Shabat*. É sabido que retirar um peixe da água no *Shabat* é uma proibição da *Torá*, já que a pessoa transgride o *Shabat* por caçar e retirar uma alma. O caso que a *Guemará* traz é de um homem que esqueceu que era *Shabat*, ou não sabia que era proibido pescar no *Shabat*. Ele então jogou a rede com a intenção de recolher peixes e, quando a puxou, estavam presos nela vários peixes... e um bebê! O bebê estava quase se afogando e acabou sendo salvo pelo pescador!

A *Guemará* analisa este caso para saber se o homem deveria levar um *corban chatat* – um sacrifício levado por quem transgredia sem querer as leis do *Shabat* – ou se estava isento de levar o *corban*.

Rabá, um dos sábios da *Guemará*, opina que o homem está isento de levar o *corban*, pois nós devemos levar em conta os atos da pessoa, e não a intenção. Neste caso ele salvou o bebê, e todos nós também estaríamos obrigados a profanar o *Shabat* para salvar uma vida.

A opinião de Rava, o outro sábio citado pela *Guemará*, é de que o pescador está obrigado a levar o *corban*. Segundo *Rava*, nós levamos em consideração a intenção da pessoa. Neste caso, ele teve a intenção de pescar no *Shabat* e não de salvar o bebê.

Na prática, a lei é estabelecida de acordo com o ponto de vista do primeiro sábio, Rabá, que isenta a pessoa de levar o *corban*, já que levamos em consideração os atos da pessoa.

Portanto, vemos que não julga-

mos de acordo com a intenção da pessoa, mas sim de acordo com seus atos.

Sendo assim, em relação ao nosso caso, o Dr. Reuven está isento de indenizar Efráyim. Devemos levar em consideração o ato bem sucedido do médico, que retirou um rim com tumor maligno.

Já com relação à cassação de sua licença de médico, o Rav Zilberstein disse que talvez tenhamos que caçar sua licença de fato, ou então puni-lo de alguma outra forma, já que ele agiu displicentemente ao retirar o rim esquerdo em vez de operar o rim direito.

Resta responder a terceira pergunta, se Efráyim tem que pagar ao Dr. Reuven pela cirurgia. Sobre isso, o Rav Hagoon Yossef Shalom Elyashiv z"l disse que, uma vez que Efráyim teve proveito da operação, pois salvou sua vida, ele está obrigado a pagar para o Dr. Reuven pela cirurgia. Porém, não precisa pagar o preço que havia sido estipulado anteriormente. O valor combinado foi para realizar a retirada das pedras, que é uma operação mais demorada, mais cara. Efráyim deve pagar apenas o preço de uma cirurgia comum de retirada de um rim, que é mais simples e barata.

**Do semanário “Guefilte-mail”
(guefiltemail@gmail.com).**

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagoon Yitschac Zilberstein Shelita
Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulchan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos.
Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.



Pedido Insistente

Um homem

muito pobre noivou sua filha e estava muito contente com isso. Mas estava também preocupadíssimo. Ele não possuía o dinheiro necessário dos preparativos para o casamento, para a festa e tampouco para o enoival.

Depois de muito pensar, chegou à conclusão que a única esperança para conseguir realizar o casamento seria pedir um empréstimo para seu primo rico.

Certo dia, encontrou seu primo em uma comemoração de família e começou a explicar a difícil situação pela qual passava. Falou sobre a alegria de noivar sua filha e sobre suas preocupações quanto ao dinheiro que não possuía para realizar o casamento de forma digna. Finalmente, pediu um empréstimo.

O primo rico respondeu que estava muito contente com a notícia do noivado e que entendia perfeitamente a sua situação. Depois abraçou calorosamente seu primo e disse que bastava ele passar em sua casa

para buscar o dinheiro a ser emprestado.

Passaram-se alguns dias e o homem encontrou novamente seu primo rico na saída da sinagoga. Com muita educação ele se aproximou do primo e contou sobre o noivado de sua filha e as dificuldades pelas quais estava passando. Disse que estava muito preocupado por não possuir o dinheiro para o casamento e pediu um empréstimo.

O primo achou um pouco estranha aquela conversa. Ele já tinha ouvido tudo aquilo e já dissera que estava disposto a emprestar o dinheiro. Por que o seu parente lhe repetia a mesma história se não fora buscar o dinheiro? Ainda assim ele disse amavelmente: “Claro, claro. Eu compreendo perfeitamente sua situação. Por favor, venha buscar o dinheiro em minha casa quando quiser.”

Mais alguns dias se passaram e a cena se repetiu.

Apesar da boa vontade do primo rico em ajudar, o homem pobre repetia sempre o mesmo pedido, sem

se dar ao trabalho de ir buscar o dinheiro na casa do primo rico.

* * *

Em nossas preces diárias, repetimos sempre o seguinte pedido a D’us:

“Rachem ná alênu veten belibênu viná lehavin, lehaskil, lishmoa, lilmod ul’lamed, lishmor velaassot ulcayem et col divrê talmud Toratechá beahavá.”

“Sê misericordioso conosco e dá ao nosso coração entendimento para compreender, discernir, ouvir, entender, aprender, ensinar, observar, fazer e cumprir com amor todas as palavras do ensinamento da Tua *Torá* com amor.”

Esse pedido é como um empréstimo que solicitamos ao Criador. Pedimos que Ele nos ajude a compreender os ensinamentos da *Torá* para poderemos cumprir a Sua vontade de forma digna.

Depois de um pedido belo e sincero como este, *Hashem* só espera que nos dirijamos à Sua casa – à casa de estudos da *Torá* – para buscarmos nosso pedido, a compreensão da sagrada *Torá*. ■

Cada Fio de Cabelo

Há um versículo no livro de *Mishlê* no qual o Rei Shelomô diz (3:12): “*Ki et asher yeehav Hashem yochiach uch'av et ben yirtsê* – Porque *Hashem*, a quem ama repreende, assim como um pai que ao filho quer bem”.

Certa vez, *Rav Meir Chadash*, o *rosh yeshivá* de Chevron, perguntou para um aluno qual é a diferença entre a *yeshivá ketaná* (para crianças menores) e a *yeshivá guedolá* (para jovens acima de 16 anos). Então ele mesmo respondeu mais ou menos assim: “Quando uma criança na *yeshivá ketaná* não recebe reclamação, significa que está se saindo bem. Na *yeshivá guedolá*, quando um jovem não ouve reclamações, significa que não se espera dele muita coisa”.

Na *yeshivá guedolá*, já se pode começar a perceber as intenções dos jovens com mais clareza, como eles pretendem construir seu futuro. Portanto, quando os mestres percebem que há boas características em um determinado jovem, que ele tem um coração puro desejoso de altos níveis espirituais, acompanham-no mais de perto, realizando maiores análises e cobranças. É deste tipo de aluno que os professores esperam melhores resultados.

De forma análoga a este raciocínio, o versículo citado em *Mishlê* transmite a ideia de que *Hashem* repreende com mais firmeza aqueles que Ele mais ama.

Por vezes, pessoas que começam a fazer *teshuvá* vêm-se num dilema. Por algum tempo, desde que decidem se aproximar de D'us, sentem-se mais reprimidas e não entendem o porquê de estarem sendo “advertidas”. Agora que decidiram consertar sua conduta, o esperado seria receber prêmios e não sofrimentos...

O que acontece, de fato, é que, estando mais próximas de *Hashem*, Ele passa a olhar estas pessoas mais “de perto”. Esperando indicar o melhor caminho e, também, cobrando os atos passados, *Hashem* envia algum tipo de corretivo.

Com isso, *Hashem* “limpa” o passado e indica o melhor caminho, preparando um grande futuro para estes filhos queridos.

É assim que se deve encarar um período de admoestação Divina com sofrimentos – como uma reprimenda de Alguém que está próximo e anseia uma melhora da pessoa, caso contrário nem se dirigiria a ela.

Neste mesmo contexto, também é famoso o conceito de que *Hashem* cobra os mínimos deslizes dos atos dos *tsadikim* – mesmo um erro “da espessura de um fio de cabelo”.

Sendo assim, então, surge uma questão paradoxal: “Qual a ‘vantagem’ de ser um *tsadic*? Parece mais perigoso do que recompensador!”

Este enigma deve ser encarado como as cobranças aos bons alunos da *yeshivá guedolá*. A resposta desta interrogação também é a mesma que a dos que fazem *teshuvá* e vêm-se num dilema – por algum tempo censurados por seus atos. A cobrança ao *tsadic* é, na realidade, um grande benefício. Ao mesmo tempo que *Hashem* imediatamente “limpa” os defeitos da alma do *tsadic*, mostra-lhe o caminho correto a ser retomado.

Ainda assim – alguns poderiam afirmar – parece ser mais confortável não ser um *tsadic* e não estar sujeito a estas “admoestações”.

Mas este tipo de afirmação pressupõe uma injustiça Divina – que somente o *tsadic* recebe correções. E isto seria ilógico. A verdade é que o *tsadic* recebe suas correções e a limpeza de sua alma neste mundo, onde elas são muito mais suportáveis. Já o perverso, ao contrário, pode receber a recompensa pelos atos bons que realiza neste mundo, mas “após seus 120 anos”, terá que prestar contas por seus atos nos mínimos detalhes – por cada deslize, tanto os maiores quanto os mais ínfimos. Enquanto isso, o *tsadic*, já limpo de suas manchas, certamente desfrutará dos imensos prazeres espirituais prometidos pelo Todo-Poderoso. ■



O Cérebro e as Dores

O pai de um adolescente que eu conheço tinha um belo Ford Galaxie 1965, conversível, amarelo e preto.

R. Kalman Packouz z"l

Um dia o rapaz perguntou ao pai por que ele tinha um Galaxie, enquanto a outra pessoa que competia com ele pelo posto número 1 na companhia dirigia um moderno Thunderbird.

O pai respondeu: "As pessoas não gostam de ver que você ganha tanto dinheiro em cima delas".

Dois anos depois, o pai comprou um Thunderbird. O filho perguntou-lhe por que ele decidira comprar o carro. Desta vez o pai respondeu: "As pessoas gostam de ver que você é um homem de sucesso!".

Paradoxal?

O cérebro é um instrumento poderoso. Peça-lhe 10 razões para assaltar um banco e ele lhe dirá: 1) Será muito emocionante. 2) Pense em todo o bem que poderá fazer com o dinheiro! 3) Eles têm seguro mesmo... e assim por diante. Peça agora ao seu cérebro 10 razões para não roubar um banco e ele lhe dirá: 1) É errado. 2) Você provavelmente será pego! 3) Seus companheiros de cela não serão tão gentis... etc.

Sabendo que o cérebro pode justificar praticamente qualquer atitude, devemos perguntar justo a ele qual a coisa certa a fazer?

Frequentemente vale a pena pedir a um amigo verdadeiro a sua opinião. Isto ajuda a mantermo-nos menos parciais, mais razoáveis na avaliação das situações.

Podemos usar nosso cérebro para melhorar nossa situação ou para piorá-la. Todos conhecemos pessoas que ‘consequiram’ trocar muita alegria por uma enorme miséria.

Podemos olhar um copo que contém água como ‘meio cheio’ ou como ‘meio vazio’. Devemos usar nosso cérebro para focalizar sempre o lado positivo.

Como membro do “Bicur Cholim” de nossa cidade (um grupo de voluntários que visita e ajuda os doentes), geralmente visito os doentes na unidade de reabilitação, onde eles estão se recuperando de cirurgias no joelho ou nos quadris. Muitas vezes eles estão sentindo muitas dores. É aflitivo assistir sua dor.

Digo ao paciente: “Gostaria muito de poder eliminar a sua dor, mas isto não é possível. Além de rezar por sua rápida e completa recuperação, posso – se você tiver interesse – ensiná-lo como minimizar a intensidade de sua dor”. Nove em dez pacientes ficam fascinados e ansiosos por aprender. Um entre dez agradece a minha visita e

pede que eu saia.

Então eu continuo: “Há dois tipos de sofrimentos: sofrimentos com significado e sofrimentos sem sentido. Se alguém leva uma surra, isto é doloroso. Porém se o sujeito apanha para proteger uma criança, é uma situação menos dolorosa. Por quê? Tomar a resolução de aceitar a dor em vez de deixar que uma criança a receba confere significado ao sofrimento”.

A dor pós-operatória tem significado: significa que o paciente está vivo, significa que o corpo está funcionando e, esperançosamente, irá se curar. Existe uma doença em que uma criança nasce sem a capacidade de sentir dor. Infelizmente, estas crianças em geral não vivem muito, porque não sabem quando estão sangrando, se estão muito perto de um fogo aceso ou se estão feridas.

Existem outros benefícios na dor. A dor pode ser um ‘chamado’ do Todo-Poderoso para que investiguemos nossos atos e nossas vidas. Será que há algo que precisamos mudar ou fazer melhor?

Existe um conceito na *Torá* que diz o seguinte: D’us se comporta conosco “midá kenêgued midá”, ou seja, medida por medida. Se uma pessoa tropeça e machuca seu de-

ção, ela deveria pensar não apenas na conveniência de usar sapatos, mas também num nível metafísico: “Será que andei chutando alguém?”. Mesmo se não conseguirmos descobrir a razão para cada coisa desagradável que nos acontece, com certeza nos beneficiaremos da reflexão, aperfeiçoando nosso caráter e atitudes.

Num nível espiritual, a dor também serve como reparo ou correção de algum ato. Quando eu estou sofrendo, peço ao Todo-Poderoso: “Por favor, aceite esta dor como reparação por algo que eu tenha feito de errado”. Certamente, é melhor aceitar o sofrimento com amor e consideração do que recebê-lo com raiva e ressentimento.

Digamos que D’us envie sofrimentos a alguém como um ‘chamado’ ou como expiação de algum erro. Se a pessoa os ignora, ela está relegando algo que tem significado e pode beneficiá-la ao plano de ‘coincidência’ ou falta de sentido – o que não é apenas triste, mas mais doloroso ainda.

Se você conhece alguém passando por uma fase de sofrimentos, talvez possa ajudá-la compartilhando algumas destas ideias.

Meor Hashabat Semanal



Semear e Construir

Conceitos de Fé

Como transmitir às crianças os conceitos sobre a existência de D’us e Sua providência.

Rabino I. Dichi

Em outra oportunidade, tratamos de como despertar a fé nas crianças desde a idade da amamentação, mesmo quando elas ainda não conseguem se comunicar com os pais por intermédio de palavras. Nessa idade, quando os pais pronunciam uma *berachá* de olhos fechados, com concentração e de forma pausada, isso chama a atenção das crianças, transmitindo um senso forte de *emuná* – pelo menos no seu subconsciente.

Trataremos agora das crianças que já sabem conversar, que passaram da idade da amamentação. A elas se deve explicar o conceito de fé aos poucos, de forma gradativa, conforme as possibilidades de cada uma. É imprescindível que toda criança ouça sobre a existência do Todo-Poderoso. Elas precisam

ouvir que existe Alguém que as criou, e a seus pais, seus irmãos, os avós... Que também criou as estrelas, os insetos, as flores e as plantas. A criança deve começar a ouvir que foi D’us que criou tudo o que há no mundo. Seria uma falha muito grande não transmitir os conceitos sobre a existência de D’us desde muito cedo.

É possível que a criança pergunte sobre *Hashem* sozinha. É comum que faça perguntas como: “Quem criou as estrelas?”, “Como apareceram as coisas?”, “Quem fez as flores?”, “Por que há frutas nas árvores?”, “Quem traz o Sol todos os dias de manhã?”. Quando a criança faz esse tipo de pergunta, é uma ótima oportunidade para transmitir conceitos de *emuná*.

Se a criança não faz perguntas sozinha, “*at petach lô*” – os pais precisam estimular

para que faça as perguntas; devem atraí-la para o assunto e explicar sobre a existência de D'us.

Quando a criança pergunta “Onde está *Hashem*”, devemos responder que Ele está em todos os lugares. Não é aconselhável dizer que *Hashem* está no céu. Toda criança hoje sabe que existem satélites, astronautas, aviões no céu... Dizer que D'us está no céu pode causar uma confusão na cabeceira ingênua da criança. É capaz de ela imaginar que os pilotos e os astronautas se encontram com *Hashem*... Isso pode criar um enfoque distorcido da existência de D'us. Portanto, o correto é dizer que *Hashem* está em todos os lugares – e esta é, de fato, a realidade. Na *Kedushá* que recitamos todos os dias na *Chazará* da *Amidá*, nós também afirmamos isso, dizendo “*Cadosh, cadosh, cadosh...*” – “Sagrado (nos mundos superiores), sagrado (nos mundos inferiores), sagrado (para sempre) é *Hashem*, o Senhor dos exércitos; o mundo inteiro está repleto de Sua glória”. O *Zôhar* também traz esse conceito, dizendo: “*Let atar panuy Minêh*” – Não há um lugar vazio da Sua existência.

Entretanto, devemos tomar cuidado em não fazer afirmações do tipo: “*Hashem* está neste quarto conosco agora”. Uma criança pequena não está preparada para entender que o Todo-Poderoso está conosco a todo momento. Essa consideração de que existe alguém junto com a gente e é invisível, pode lhe causar medo ou pânico. Quando os pais saírem do quarto e ela ficar sozinha, poderá ficar assustada com o pensamento de que tem alguém invisível ao seu lado. Uma criança não entende que isso não é motivo para ficar com medo – pelo contrário! Por isso, é correto usar uma definição mais delicada e mais abrangente – que *Hashem* está

“em todo lugar”. Já para um adulto, deve ser muito agradável e deve trazer segurança saber que o Todo-Poderoso está com ele a todo instante.

Quão grandes são Suas obras!

É necessário mostrar para as crianças a beleza do mundo que D'us criou. Provavelmente, nós não fazemos o suficiente para transmitir às crianças a beleza do mundo. Nossa vida é tão corrida e rotineira, que não paramos para observar as árvores, o céu, o Sol. Isso para uma criança transmite *emuná*. Frases como: “Veja como tudo que D'us faz é maravilhoso!” poderiam ser mais frequentes.

Não é necessário ir muito longe para mostrar a maravilhosa beleza da Criação. Todo mundo tem frutas em casa! Encontram-se flores em todo lugar! Pensando bem, quantas fábricas seriam necessárias para produzir uma cesta com frutas? Quantos técnicos, quantos químicos?... E eis que o Todo-Poderoso fabrica frutas e flores em todas as partes do mundo. Não importa que tipos de flores – as que crescem sozinhas, as cultivadas pelo homem... A beleza da Criação de D'us está ao nosso redor. A cada passo que damos, precisamos abrir os olhos das crianças para que notem a grandeza da Criação.

Mas e se os próprios pais não enxergam? Se os olhos dos pais não estão abertos, não poderão mostrar qualquer coisa para as crianças. Todos os livros que tratam de educação em nossos dias, citam esse ponto de vista: para um bom resultado na educação das crianças, primeiramente é necessário educar os pais – esse é o maior problema. Se os pais não vêem a grandeza de D'us na Criação, como poderão apontá-la para seus filhos? É lamentável que uma criança se desenvolva com uma sensibilidade po-

bre. A compenetração na grandeza da Criação significa ver a mão de *Hashem* e ter fé – e a fé precisa ser rica, farta.

Prêmios e incentivos

O *Rav* Yechezkel Levinstein *zt”l* foi *mashguíach* de *Yeshivat* Mir quando ainda estava em Xangai. Posteriormente, foi o *mashguíach* de *Yeshivat* Ponevej. Ele é autor do livro *Or Yechezkel* e é um dos grandes personagens conhecedores de *mus-sar* da geração anterior. Tanto o *Rav* Wolbe quanto o *Rav* Levinstein foram discípulos do *Rav* Yerucham de Mir. Certa oportunidade, o *Rav* Levinstein contou para o *Rav* Wolbe sobre como educava suas filhas quanto à Providência Divina no mundo. Ele frequentemente falava com elas sobre o assunto e, além disso, quando elas lhe mostravam algo que demonstrava a Providência Divina, ganhavam um prêmio. Isso era um grande incentivo para que suas filhas se compenetrassem no que está ao seu redor e constatassem cada vez mais a mão de D'us. O *Rav* Wolbe percebeu que o *Rav* Levinstein fazia questão de transmitir esse conceito a suas filhas desde idades precoces.

Essa questão, de dar prêmios para as crianças, é citada por vários de nossos sábios. O *Rambam* explica que as pessoas devem atingir o nível de cumprir a vontade de D'us sem nenhum interesse pessoal, mas não se pode exigir essa conduta das crianças. Assim, os prêmios podem ser incentivos positivos na sua educação. Com o tempo, elas atingirão níveis mais elevados na observância das *mitsvot*.

É muito comum oferecer prêmios para as crianças que participam do *minyán infantil*, por exemplo, para incentivá-las a comparecer e apren-

der a fazer as orações de forma adequada.

Comportamento em sociedade

Como transmitir para as crianças o comportamento mais adequado em sociedade?

A criança começa a se ambientar à sociedade na idade em que entra no jardim de infância. Esse é o primeiro contato mais prolongado fora do âmbito familiar. Há um princípio básico sobre como transmitir o comportamento necessário em relação aos amiguinhos, com os visitantes, com as pessoas na rua: o comportamento dos pais. O exemplo dos pais é a principal forma de educar os filhos nesse sentido. A criança absorve nitidamente a maneira com que os pais recebem as visitas em casa, por exemplo, e esse é o caminho que ela também vai seguir.

Ajuda e bondade

Como ensinar a criança a ajudar o próximo e ser bondoso com os outros?

Novamente, essa questão está intimamente ligada com o exemplo que a criança observa em seu lar. Assim, é correto ensiná-la a ajudar em casa. Mas os pais devem sempre ter em mente que o motivo principal desse ensinamento não é a ajuda de fato

que receberão. Não é correto dar os trabalhos difíceis para as crianças!... O principal motivo desses pedidos é para que as crianças sejam educadas em ajudar os pais, em participar dos preparativos para as *mitsvot*, em tornarem-se mais responsáveis, etc. O auxílio das crianças no lar deve progredir proporcionalmente ao seu desenvolvimento.

Não é recomendável que as crianças encarem a ajuda aos pais como um peso, como uma tarefa difícil. Por intermédio de ordens e imposições forçadas não conseguimos acostumar-las a praticar a bondade com satisfação e alegria. Os pais precisam fazer a criança se sentir bem no momento que está auxiliando. Isso se consegue fazendo da criança um “sócio” para ajudar os adultos na hora das necessidades. Dessa forma ela se sente respeitada. Se os pais permitem que os filhos participem de seu trabalho, a criança fica com a sensação de que é sócia dos “grandes” e passa a se sentir importante. Seu *status* em casa fica sendo de uma pessoa respeitada, já que divide tarefas com os adultos. Com isso, os filhos passam a realizar suas obrigações com alegria, tornando-se um hábito ajudar o próximo com satisfação.

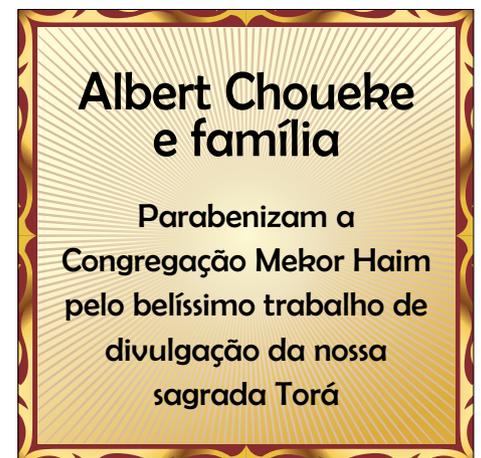
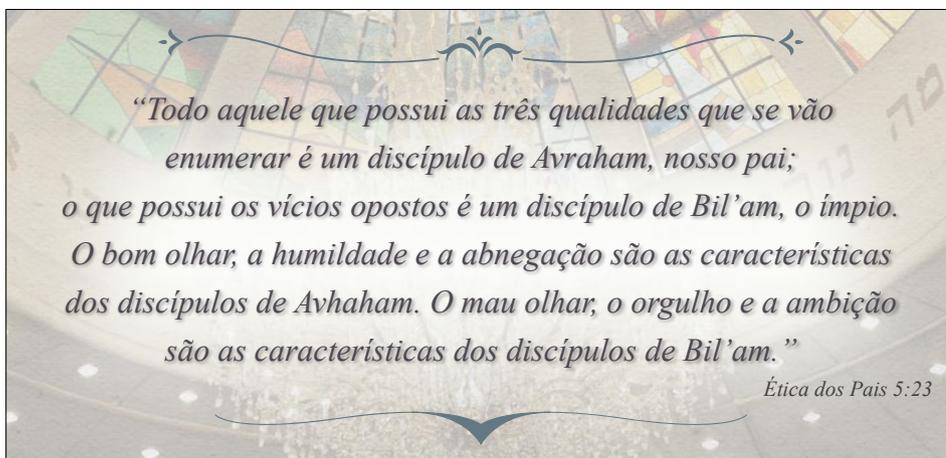
É natural, e positivo, o fato de que, em famílias com *baruch Hashem*

muitos filhos, todos ajudem em casa. Os maiores ajudam a cuidar dos menores. Isso faz com que as crianças desenvolvam de uma forma natural a característica de *chessed* – a bondade. Há muitas vantagens nessas casas. Para um filho único, “tudo é dele”. Com várias crianças, por mais que haja fartura, cada uma precisa dividir com as demais. Isso as educa no sentido de *chessed*; acostuma-as a ajudar os demais. Naturalmente os filhos maiores são acostumados a ajudar e assumir o compromisso de responsabilidade em relação aos irmãos menores. Isso é maravilhoso – é uma forma de educação exemplar.

O próximo e seus bens

Como deve ser a educação em relação ao próximo – as *mitsvot ben adam lachaverô* – e a educação em relação aos bens do próximo?

A educação de nossos filhos em relação às *mitsvot ben adam lachaverô* – as obrigações em relação ao próximo – deve ser encarada de uma forma diferenciada. Não que elas sejam mais importantes que as outras *mitsvot*, mas a própria *halachá*, a lei judaica, determina alguns detalhes de forma exclusiva para a educação segundo esses conceitos. Analisemos uma dessas prescrições específicas. Essa lei trata da necessidade de apli-



car um castigo físico a crianças que roubam.

Antes de citá-la, cabe lembrar que, em várias oportunidades, o *Rav Wolbe* se manifestou taxativamente contra uma educação severa e contra bater nas crianças. Esses recursos devem ser evitados ao máximo. Todo indivíduo inteligente precisa ponderar as consequências a longo prazo de uma educação severa. O “êxito” de influenciar facilmente os filhos com tapas é uma glória cantada prematuramente. Por esse tipo de atitude, os pais podem pagar caro no futuro, quando o filho tiver 14 ou 15 anos e não sentir mais tanto medo e dependência dos pais. Aí será muito difícil consertar o erro cometido.

Tratemos, então, da norma citada por Rambam no primeiro capítulo das leis de roubo: Quando um menor causa um dano ao próximo ou quando rouba, se necessário, é correto o *bêt din* (um tribunal rabínico que vigorava exclusivamente na época em que existia o Templo Sagrado) bater nele para educá-lo e afastá-lo desse pecado, para não se acostumar com essa prática.

O *Maguid Mishnê* (um dos *rishonim*, após o Rambam) explica que, apesar de não haver na *guemará* uma indicação para essa lei, a conclusão é simples. Algumas palmadas numa criança, para que entenda a gravidade de roubar ou causar um dano ao próximo, é uma forma educativa positiva.

Por outro lado, consta no *Shulchan Aruch (Hilchot Shabat)* que o *bêt din* não tem por obrigação impedir que as crianças ingiram comidas proibidas – *nevelot utrefot*. Essa obrigação cabe exclusivamente aos pais.

Segundo esses esclarecimentos, vemos que o *bêt din* não tem a obriga-

ção de chamar a atenção das crianças em relação às *mitsvot ben adam Lamacom* (entre o homem e o Criador), mas sim em relação às *mitsvot ben adam lachaverô* (entre o homem e seu próximo), para que no futuro não aconteçam mais danos aos outros.

Advertir em relação aos mandamentos entre o homem e o próximo cabe tanto aos pais da criança quanto ao *bêt din*, enquanto que advertir em relação aos mandamentos entre o homem e o Criador cabe somente aos pais. Disso vemos a forma diferenciada com que devemos encarar a educação das *mitsvot* entre o homem e seu semelhante.

Se é assim em relação ao *bêt din*, quanto mais em relação aos pais! Devemos dedicar uma atenção especial em relação a esses mandamentos relacionados com as crianças. Elas precisam se acostumar a zelar por aquilo que não lhes pertence: não mexer, não causar danos. De um modo geral, essa conduta é assimilada no jardim-de-infância pelo convívio com outras crianças, porém é óbvio que os pais precisam estar atentos e instruí-las corretamente.

É comum observar, por exemplo, que crianças em ônibus não cedem o lugar para pessoas de idade. Isso é uma falha na educação da escola que elas frequentam. Também é uma falta grave da educação dos pais. Os pais devem educar os filhos em relação à sensibilidade, à atenção com os demais. Devem acostumá-los a se importar com o próximo. Esse é um detalhe que a nossa geração está em falta. É frequente ouvirmos afirmações como: “Não me interessa!”, “Azar o dele!”. Isso não é a educação da *Torá*; é a educação da rua! As pessoas não podem ser desatentas. Precisam prestar atenção a tudo que

ocorre ao seu redor. Deve haver um constante interesse pelo bem-estar do próximo. Dessa forma, uma pessoa bem-educada cede seu lugar para os mais velhos com boa vontade e satisfação.

Existe uma conduta diferente para a intervenção no relacionamento entre irmãos. Na medida do possível, os pais devem deixar que as crianças se entendam sozinhas – com a condição de que uma não cause qualquer dano à outra. É natural que as crianças se entendam sozinhas. Uma intervenção dos pais nesse caso causaria que um dos lados se sentisse prejudicado. Conforme diz o Rosh em *Orchot Chayim*: “Não se envolva em uma briga que não é sua. A consequência iminente de uma intervenção dessas, é que os litigantes façam as pazes e que quem se envolveu seja considerado intrigante por ambos.”

Perguntas

Chega uma certa idade que as crianças começam a fazer perguntas. Essas perguntas devem ser encaradas com seriedade. É necessário respondê-las à altura, procurando solucionar as dúvidas. Não é suficiente dar qualquer resposta que não convence. Não se pode estar sempre dando para as crianças respostas do tipo: “Isso você ainda não entende”, “Isso você vai entender quando crescer”, “Não faça perguntas tolas”. Com isso se obstrui o desejo da criança de saber. A criança deseja novas informações, conhecer, se desenvolver. Com respostas evasivas impede-se o seu desenvolvimento.

Os pais devem ficar contentes quando a criança faz perguntas – ela se interessa em saber mais. Certamente, é importante responder conforme o nível de compreensão delas.

Mesmo as perguntas que deixam os pais meio perplexos devem ser respondidas, dentro do possível, de forma séria e aceitável. Assim, os filhos perceberão que dão valor às suas perguntas.

A sinagoga e as orações

Trataremos de um assunto muito triste, já que a realidade dos nossos dias, em praticamente todos os lugares, não é a que recomendamos.

Como deve ser a educação em relação às crianças frequentarem uma sinagoga?

Antes de tudo, é necessário alertar os pais que não levem suas crianças às sinagogas em idades precoces. Uma criança pequena não sabe o que acontece na sinagoga, não conhece a ordem da *tefilá*. Uma criança de quatro ou cinco anos não entende nada disso. Não sabe ainda ler no *sidur* e, logicamente, não reza.

Frequentemente observamos crianças rodando pela sinagoga durante as orações. Com isso, atrapalham os demais, que também não conseguem rezar de forma adequada. É natural que elas fiquem conversando, brincando e

atrapalhando as orações dos mais velhos.

O principal problema de levar crianças pequenas à sinagoga ainda não é este, mas a sua própria educação com respeito à sinagoga. As crianças devem ser conscientizadas, desde o primeiro momento que pisam na sinagoga, que lá é um lugar especial. Deve-se possuir o temor e o respeito devido ao local – isso é uma lei judaica explícita. Devemos transmitir para as crianças que a sinagoga não é um lugar de recreação, um salão de jogos, um jardim. Se a criança é muito pequena e não se pode ainda exigir dela um comportamento adequado na sinagoga, simplesmente não se deve levá-la para lá.

Quanto mais se demora em levar a criança para a sinagoga, melhor ela entenderá o que acontece lá e a importância do local. Sua educação em relação à santidade do recinto será melhor e o respeito que desenvolverá dentro de si para com a sinagoga será mais correto. Se a criança começa a ir à sinagoga desde muito cedo, o local passa a ser encarado como um salão de recreações, tornando-se muito difícil mudar seus hábitos e seus sentimentos.

O mesmo raciocínio deve ser considerado em relação ao ensinamento das *tefilot*. Neste sentido, há vários *talmudé Torá* que seguem a orientação do Rabino Yaacov Kaminetsky *zt”l*. Nas primeiras classes se ensina às crianças os *Birchot Hasháchar* e o *Keriat Shemá*, mas não se reza com elas toda a *tefilá*. Somente com sete anos que começam a ensinar toda a *tefilá*. Com essa idade, elas passam a entender um pouco do conteúdo das orações, sendo mais benéfico o desenvolvimento posterior. Numa idade anterior, a *tefilá* é encarada como um peso pelas crianças. A obrigação de rezar as sobrecarrega e elas procuram se esquivar da *tefilá* em todas as oportunidades.

Assim, além da boa intenção dos pais em educar seus filhos quanto ao aprendizado das *tefilot* e à frequência à sinagoga, deve-se agir com critério e paciência. O início correto dessas atividades assume grande importância nos valores a serem transmitidos aos filhos e beneficia todo o seu desenvolvimento.

**Rabino Isaac Dichi, baseado em
“Zeriá Uvinyan Bachinuch”
do Rabino Shelomô Wolbê z”l**

Vende-se

condomínio ao lado Yeshiva de Cotia

- 5 Suítes + Unidade ext.
- Home Theater; Escritório
- Brinquedoteca
- Sala de Estar + Jantar
- Cozinha Kasher Grande
- Lavanderia; Dispensa
- 2 quartos de empregados
- Piscina aquecida
- Jacuzzi; Gerador
- Sauna Seca e úmida
- Sala de ginástica
- Churrasqueira
- Forno de Pizza
- Espaço para Suca

Excelente estado de conservação.

Mais de 1.000 m² construído em terreno de cerca de 1.700 m²

Contato com proprietário Tel: 11-94235-6447

WhatsApp: +972.54.943.7010





Gaivota

O dia estava lindo e o Sol brilhava.

Nas primeiras horas da manhã a gaivota já sobrevoava as águas azuis e cintilantes do oceano.

Como de costume, em poucos minutos encontraria seu primeiro peixe delicioso.

Alguns minutos se passaram, mas ela não conseguiu avistar seu desjejum.

Com o passar do tempo, a fome a deixou impaciente.

Duas horas de voos sob o Sol escaldante deixaram-na aturdida.

Finalmente, um belo e succulento peixe apareceu na superfície das águas.

Mais do que depressa, um mergulho rasante e...

A gaivota subiu vitoriosa com o troféu em seu bico.

Lá no alto, enquanto comemorava o triunfo, antes mesmo de degustar a iguaria, olhou para baixo.

Foi aí que se surpreendeu com o que viu. Um outro pássaro voando próximo das águas levava um peixe muito maior do que o seu.

Em uma rápida, mas controvertida resolução, a gaivota largou o seu peixe e mergulhou novamente em direção ao novo alvo. Confiante e orgulhosa, sabia que com uma investida rápida e certa seria a nova dona do banquete.

Em poucos segundos se aproximou do concorrente para descobrir que...

O outro pássaro não era mais do que sua própria sombra!

* * *

Em meio ao afã de nosso cotidiano, com a cabeça quente, levados pelo orgulho e pela inveja, podemos ser sugestionados a decidir entre opções controvertidas.

Então, não podemos deixar o calor das indecisões nos iludir a trocar o seguro pelo incerto, o correto pelo falso.

Em nome do R. Shaul Maleh

Leis que Regem a Sociedade

Entre os mefareshim (comentaristas) da parashá, encontramos duas explicações do porquê de a Parashat Mishpatim vir logo após a de Yitrô nos comentários de Rashi, Ramban e Sforno.

Rabino I. Dichi

Comecemos com a explicação do mais popular comentarista da *Torá*, o Rashi. *Parashat Mishpatim* começa com as palavras: “*Veêle hamishpatim*”. Rashi explica que a letra *vav* de “*Veêle*”, que significa “e também”, vem ligar a *Parashat Mishpatim* à de Yitrô, que a antecede, para ensinar-nos que da mesma forma que as leis ditadas pela *Torá* na *Parashat Mishpatim* foram dadas a Moshê *Rabênu* pelo Todo-Poderoso no Monte Sinai, assim também o foram as leis que estão na *Parashat Mishpatim*.

Cabe aqui questionar, então, por que justamente nesta *parashá* faz-se necessário ressaltar que as leis foram dadas no Monte Sinai, uma vez que sabemos que toda a *Torá* foi dada pelo Todo-Poderoso a Moshê no Monte Sinai.

Encontramos a resposta desta questão no livro *Col Yehudá* de autoria do *Rabi* Yehudá Tsa-

dca *Shelita*, *Rosh Yeshivá* de Porat Yossef. Ele diz que as leis que foram ditadas na *Parashat Mishpatim* são leis referentes à sociedade, leis referentes às pessoas e aos seus semelhantes, como por exemplo estas duas:

Qual a lei no caso de alguém que emprestou um objeto a um amigo, ou que pediu para seu amigo guardar-lhe algo, e este objeto é quebrado ou roubado?

Qual a lei no caso de uma pessoa que estava fazendo uma fogueira em seu campo e por acaso o fogo se alastrou até o campo do seu vizinho?

Assim sucessivamente, há muitos outros exemplos de leis que se referem à sociedade. Poderíamos pensar que, nestes casos, seria a própria sociedade que daria suas leis. Para negar isto, a *Torá* veio logo após a *parashá* que aborda a Outorga no monte Sinai dizer “*Veêle hamishpatim*”, ensinando-nos: E também estas



50 anos

Fitas Elásticas
Fitas Rígidas
Bojos
Velcro
Fio para Costura
Etiquetas Bordadas

FITAS ELÁSTICAS ESTRELA LTDA.
Rua João Roberto nº 580 - CEP 07221-040
Cidade Industrial de Cumbica
CEP - 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel: (55-11) 2142-7277
Fax: (55-11) 2142-7299
e-mail: estrela@estrela.ind.br
Internet: www.estrela.ind.br



GRUPO line OUTSOURCING DE IMPRESSÃO

Elimine os custos com compra de impressoras e assistência técnica.
Colocamos impressoras em comodato a custo zero.
Gerenciamos todo o seu parque de impressoras.
Agende uma visita sem compromisso para elaboração de um projeto em relação as necessidades de sua empresa.
Retiramos e entregamos sem nenhum custo.

Televendas: 3331-3831
www.gpline.com.br



IPL
INCORPORADORA PAULISTA LTDA.

leis que regem a sociedade foram ditadas por D'us no Monte Sinai, pois é a ela que cabe essa função, para assim as leis poderem ser justas e aceitas pelas partes interessadas bem como por toda a sociedade.

Exemplo semelhante a este pensamento encontramos no início do *Pirkê Avot*: “*Moshê kibel Torá Mis-sinay*” – Moshê recebeu a *Torá* no Sinai. O *mefaresh Rabi* Ovadyá Mibartenura questiona por que o *Pirkê Avot* inicia com esta introdução, e nos explica: Toda esta *massêchet* (tratado) aborda questões do comportamento moral e ético. Poderíamos pensar que, da mesma forma que os outros povos adotaram leis referentes ao comportamento moral e ético ditadas pelos seus sábios, assim também o Povo Judeu adotou certos comportamentos ditados pelos *chachamim*. Porém, a *Mishná* vem nos ensinar com esta pequena introdução que estes ensinamentos não foram ditados pelos *chachamim*, mas sim por D'us Todo-Poderoso a Moshê no Monte Sinai.

Encontramos a segunda explicação do porquê de a *Parashat Mishpatim* vir logo após a *Parashat Yitrô* no *Ramban* e no *Sforno*: já que o último mandamento citado na *Parashat Yitrô* é o de não cobiçar a casa do próximo, a mulher do próximo e tudo o que se refere ao próximo, foi necessário que a *Torá* logo em seguida a este décimo mandamento nos esclarecesse quais são os pertences do próximo. Portanto esta *parashá*, que é dedicada às leis da sociedade, vem logo em seguida ao décimo mandamento. Assim, aprendemos a respeitar o mandamento de “não cobiçarás”.

Sobre o mandamento de não cobiçarás, o Hameiri traz um interessante comentário. Ele explica que os Dez Mandamentos não estão todos

juntos em uma tábua, mas sim divididos em duas tábuas, porque há uma ligação direta entre os mandamentos da primeira tábua e os da segunda: O primeiro com o sexto, o segundo com o sétimo e assim sucessivamente. Sobre a ligação entre o quinto (respeitarás teu pai e tua mãe) e o décimo (não cobiçarás) ele diz o seguinte: Da mesma forma que não há a menor possibilidade que alguém deseje que seus pais sejam outros (mesmo que esteja descontente com os seus) por ser um fato imutável, devemos nos convencer, desta mesma forma, que os pertences do próximo a ele pertencem e não devemos cobiçá-los.

Outro importante comentário a este respeito é o do Ibn Ezra, que responde à seguinte questão: Como pode ser possível que alguém não cobiçe algo que é bonito e agradável aos seus olhos?

O Ibn Ezra explica que um camponês sabe que não adianta cobiçar a filha do rei, por mais bonita que ela seja, pois o rei não lhe dará a permissão para casar-se com ela. Da mesma forma, nós não temos permissão de cobiçar os bens alheios. Devemos estar cientes de que os bens de uma pessoa são uma dádiva Divina e de que não depende de nós esta posse.

Desta forma, se nos compenetrarmos que a esposa e os bens do próximo nos foram proibidos pelo Todo-Poderoso, passaremos a ser mais nobres aos olhos de D'us do que a filha do rei aos olhos do camponês. Conscientizando-nos de que não é nossa inteligência ou capacidade que nos fará alcançar algo que não seja da vontade do Todo-Poderoso, estaremos felizes e conformados com o que temos. Também passaremos a ter uma fé mais forte em nosso Criador, que nos verá com bons olhos e nos dará aquilo que nos for necessário. ■

Primavera em Israel: Encantos e Contrastes

Guy Shachar (<http://www.guyshachar.com>)



A beleza constante dos cânions desérticos.



Quando a região desértica meridional de Israel é abençoada com chuvas, superfícies áridas tornam-se verdes.





Detalhes
Primaveris.

Os caminhos
da água...



E uma impressionante piscina natural turquesa, com vista para os
últimos sinais de neve no Monte Hermon.

Um Desafio

1

Chanucá:

- a) Significa “candelabro” e é uma festa instituída pela Torá.
- b) Significa “inauguração” e é uma festa instituída por nossos sábios.
- c) Significa “vitória” e é uma festa instituída por nossos sábios.
- d) Significa “descanso” e é uma festa instituída pela Torá.

2

O general grego que invadiu Jerusalém e profanou o Templo Sagrado foi:

- a) Antíoco; que matou Matityáhu.
- b) Antíoco; que foi morto por Yehudá, filho de Matityáhu.
- c) Nicanor; que foi morto por Yochanan, filho de Matityáhu.
- d) Nicanor; que matou Yehudá, filho de Matityáhu.

3

Os judeus recapturaram o Templo Sagrado sob a liderança de:

- a) Matityáhu cohen gadol.
- b) Yehudá Hamacabi.
- c) Yochanan cohen gadol.
- d) Nenhuma das anteriores.

4

Lutaram contra os gregos:

- a) Serafim.
- b) Modiim.
- c) Biryonim.
- d) Macabim.

5

Durante os dias de Chanucá:

- a) Não se diz Tachanun e recita-se o Hallel incompleto.
- b) Não se diz Hallel, mas recita-se Mussaf.
- c) Não se diz Tachanun e recita-se o Hallel completo.
- d) Não se diz Hallel, mas faz-se leituras especiais na Torá.

6

Todos os dias acrescentamos uma vela extra às velas de Chanucá:

- a) O gabay.
- b) O shamash.
- c) O balash.
- d) O chazan.

À Sua Sabedoria

7 As bênçãos do acendimento da chanukiyá devem ser pronunciadas:

- a) Imediatamente antes do acendimento da vela da noite.
- b) Imediatamente depois do acendimento da vela da noite.
- c) Durante o acendimento da vela da noite.
- d) Durante o acendimento de todas as velas.

8 As luzes de Chanucá devem permanecer acesas pelo menos:

- a) Durante meia hora após o nascer do Sol.
- b) Durante meia hora após a aurora.
- c) Durante meia hora após o pôr-do-sol.
- d) Durante meia hora após o aparecimento das estrelas.

9 Na sexta-feira, as velas de Chanucá devem ser acesas:

- a) Antes das velas de Shabat.
- b) Depois das velas de Shabat.
- c) Simultaneamente com as velas de Shabat.
- d) Em vez das velas de Shabat.

10 Não se deve colocar a chanukiyá:

- a) Acima de 10 amot do solo.
- b) Abaixo de 10 amot do solo.
- c) Acima de 20 amot do solo.
- d) Abaixo de 20 amot do solo.

11 Geralmente, coloca-se a chanukiyá:

- a) Sobre uma mesinha, ao lado esquerdo da porta de entrada.
- b) Sobre uma mesinha, ao lado direito da porta de entrada.
- c) Sobre uma mesinha, ao lado esquerdo da mesa de jantar.
- d) Sobre uma mesinha, ao lado direito da mesa de jantar.

12 Costuma-se comer em Chanucá:

- a) Sonhos.
- b) Charôset.
- c) Oznê Haman.
- d) Frutas.

Respostas: 1-B, 2-C, 3-B, 4-D, 5-C, 6-B, 7-A, 8-D, 9-A, 10-C, 11-A, 12-A.

Paz Perigosa

Um enfoque interessante quanto à guerra contra os gregos.

Rabino Elie Bahbout

Levantemos algumas questões intrigantes em relação à festa de *Chanucá*. Questões que abrem portas a uma compreensão mais profunda sobre o exílio judeu entre os gregos:

1) Quando os gregos se apoderaram da terra de Israel e dominaram seus habitantes, decretaram (principalmente) a proibição de três *mitsvot*: *Shabat*, *Rosh Chôdesh* e *Berit Milá*. Qual foi o motivo pelo qual escolheram justamente estas três *mitsvot*?

2) Por que a festa de *Chanucá* sempre cai no período da leitura das duas *parashiyot*: *Vayêshev* e *Mikets*?

3) O livro *Shiltê Guiborim* revela que a festa de *Chanucá* está implícita na *Torá* nas palavras (em *Parashat Mikets* 43:16): “*utvoach tèvach vehachen* – degole e prepare”, pois as últimas cinco letras hebraicas desta passagem, são as cinco letras da palavra “*Chanucá*”. Por que a *Torá* ocultou a festa de *Chanucá* justo neste versículo?

4) Nossos sábios dizem em *Shemot Rabá* (26:1), que as palavras no livro de *Iyov* (3:26): “*Lô náchti* – não descansei” representam o sofrimento do exílio entre os gregos. Acrescentam também, em *Bereshit Rabá* (84:3), que estas palavras (não descansei) representam ainda o sofrimento de Yaacov *Avínu* em relação ao episódio da profanação de sua filha Diná. Portanto, o sofrimento no exílio grego é semelhante à dor sentimental relevante ao evento acontecido com Diná, e ambos são ex-

pressos com o termo “não descansei”. Fica clara a necessidade de uma explicação sobre esta relação.

5) Na festa de Pêssach, o “*pirsumê nissá*” (a divulgação dos milagres) é feito dentro do lar, por meio do relato do Êxodo do Egito. Assim também em *Purim*, a divulgação é restrita, dentro do *Bêt Hakenêset*, por intermédio da leitura da *Meguilá*. No entanto, em *Chanucá* a divulgação é expandida às ruas públicas. Acendemos as velas nas portas ou nas janelas, de forma que toda a população perceba e lembre dos milagres. Por que esta diferença?

O exílio grego difere muito dos demais exílios. Os gregos não tentaram exterminar o povo judeu. Também não expulsaram os judeus da Terra Santa, nem mesmo destruíram o *Bêt Hamicdash*. No entanto, o perigo espiritual deste exílio era maior que o dos outros. Os gregos atraíram o povo judeu com sua cultura aparentemente ilustre e refinada. “*Yavan*” (os gregos) são descendentes de “*Yêfet*”, o filho de Noach sobre o qual Noach determinou (*Bereshit* 9:27): “*Veyishcon beaholê Shem* – e repousará nas tendas de Shem”. Ou seja, os gregos têm uma certa tendência de criar uma ligação com Shem (cujos principais descendentes são os judeus). No entanto, utilizaram-se desta característica de forma imprópria: tentaram atrair o povo judeu a fazer parte do povo e da cultura grega.

Nos olhos de nossos sábios, o fato de os judeus estarem submetidos a uma influência negativa tão grande, é considerado um exílio sofrido e triste não menos do que os demais exílios sanguinários que marcaram a história de nosso povo.

Conforme citado, o Império Grego decretou a proibição da *mitsvá* de santificar o *Rosh Chôdesh*. A proibição de *Rosh Chôdesh* implica na anulação de todas as festas judaicas festejadas em dias fixos do mês, como *Pêssach*, que se comemora em 15 de *nissan*, e assim por diante. Se o primeiro dia do mês não é santificado, os demais dias não são determinados também.

Decretaram ainda a proibição de respeitar os *shabatot*, que são as festas judias semanais, independentes das datas dos meses. Em suma, os gregos tentaram anular o calendário judaico.

A intenção do Império Grego, com a anulação de nosso calendário, era causar a absorção do povo judeu como parte integrante da nação grega. Mesmo que todas as *mitsvot* da *Torá* criem uma certa distância entre o povo judeu e os demais povos, isto não incomodava tanto os gregos. Segundo eles, dentro de uma mesma “nação” poderiam existir temporariamente diversos costumes, sendo que com o tempo estas

diferenças se perderiam.

Porém, o calendário judaico era uma ameaça aos planos gregos. As festividades e comemorações de um povo simbolizam uma nação por si. Todo país que quer fazer seus cidadãos se sentirem emocionalmente ligados com a nação, determina “feriados”: Dia da Independência, dias de comemorações relacionados com vitórias militares, etc. Percebendo que o povo judeu comemora *Pêssach* (que é o verdadeiro “dia da independência” judaica), *Shavuot* (quando o povo judeu foi coroado como o povo escolhido), e assim por diante, os gregos não puderam aceitar *estas mitsvot*.

Os gregos queriam que o povo judeu perdesse sua identidade como nação e gradativamente se ligasse mais e mais à nação e ao povo grego.

Os gregos também decretaram a proibição do *Berit Milá*. O símbolo de que “eu sou judeu”, marcado com orgulho no corpo do recém-nascido, com certeza oferecia uma grande barreira aos objetivos de causar uma assimilação cultural.

Tendo em vista todo o explicado, que os gregos procuraram transformar o povo judeu em parte da sociedade grega, podemos entender qual é a semelhança entre o exílio grego e o

episódio de Diná, quando ela foi sequestrada por Shechem *ben* Chamor. A *Torá* testemunha sobre Shechem *ben* Chamor (Bereshit 34:3): “E ligou-se sua alma com Diná, a filha de Yaacov”. Como consequência, todo o povo de Shechem quis ligar-se com o povo judeu, formando um povo único. Foi isso que sugeriu Chamor aos filhos de Yaacov (Bereshit 34:9-10): “Vossas filhas se casarão conosco e nossas filhas se casarão com vocês, morem conosco e nossa terra estará perante vós”.

Ou seja, o episódio de Diná demonstra a tentativa de ligar dois povos, como expressado depois por Shim'on e Levi (Bereshit 34:16): “e seremos um povo único”. Esta também era a intenção do povo grego.

Tentativas como esta são um grande desafio para o povo de Israel. Elas demandam um trabalho espiritual constante para não sermos influenciados pela atraente cultura alheia e não nos misturarmos com um povo que está disposto a aceitar os judeus “de braços abertos”. Guerras físicas têm sempre uma duração restrita, mas esta “guerra espiritual” necessita atenção e forças constantes no dia-a-dia. Sobre tais “batalhas” metafísicas é que se refere a passagem citada anteriormente (em Iyov):

HOPE®

Parabeniza a Congregação
pela divulgação dos valores
judaicos!

“não descansei!”

Podemos agora entender por que a festa de Chanucá se enquadra sempre nas semanas das *parashiyot Vayêshev* e *Mikets*. Estas *parashiyot* relatam como o jovem Yossef conseguiu guardar sua identidade judaica mesmo estando sozinho e abandonado no meio do povo egípcio. Yossef precisou enfrentar vários testes, e mesmo assim não se assimilou. Mesmo sendo coroado como vice-rei do Egito, cargo que normalmente causaria ao indivíduo ligar-se ao povo que governa, Yossef continuou fiel a sua fé e às leis judaicas.

A fidelidade de Yossef à *Torá* fica clara na passagem “*utvoach têvach vehachen* – degole e prepare”. Nossos sábios explicam (*Bamidbar Rabá* 14:5) que deste *passuc* aprendemos que Yossef seguia todas as leis judai-

cas ainda antes da outorga da *Torá*. Yossef cuidava até mesmo das preparações para o *Shabat* (como *shechitá*). Compreendemos então, o porquê da palavra “*Chanucá*” estar oculta justamente neste versículo.

Em *Chanucá* comemoramos o fato de não nos termos “misturado” com o povo grego. Assim, entendemos por que D’us realizou um milagre com o azeite. O azeite é um líquido que não se mistura com os demais líquidos. Assim, D’us demonstrou ao Povo de Israel Sua satisfação com o empenho dos judeus de manterem-se separados.

Todo ano acendemos as velas de *Chanucá*, pois devemos lembrar que ainda hoje nos deparamos com o desafio de manter identidade judaica. Os

países ocidentais (cuja cultura é proveniente da Grécia antiga) recebem o povo judeu de “braços abertos”. Até permitem aos judeus destacarem-se em cargos importantes (como ocorrido com Yossef no Egito). Justamente por estes motivos é necessário estarmos atentos ao grande perigo espiritual de nós (ou nossos filhos) nos ligarmos com estes povos.

O judeu deve viver em paz e amizade com outros povos, porém não participar de sua forma de pensar e encarar a vida. Para tanto, é necessário mantermos nossas tradições e costumes com afinco, e criarmos nossos filhos da maneira judaica.

R. Elie Bahbout
Rosh Colel “Bircat Avraham”
Instituto para a preparação
de juízes rabínicos em Jerusalém

Daf Hayomi

Acompanhe as aulas diárias de Guemará no Portal Judaico Brasileiro www.revistanascente.com.br

Aulas de TODAS as páginas publicadas!

www.revistanascente.com.br

Investimentos Financeiros

Existiam carteiras de investimentos financeiros na época do Talmud?

Yaco Alexander Kirzner Chirou

O tratado de *Bavá Batrá* estabelece normas e regulamentações para o bom relacionamento comercial da sociedade judaica e o funcionamento eficiente da economia.

De modo geral, a *Guemará* não limita as operações comerciais às normas estabelecidas. Quaisquer pessoas podem realizar acordos comerciais livremente e é recomendável estabelecê-los em contratos. Mas se houver algum conflito, o *bêth din* – o tribunal de justiça judaico – utilizará estas regulamentações para resolvê-lo.

Neste tratado, a *Guemará* traz inúmeros casos e, na sequência, a correspondente determinação da *halachá*.

Os casos citados são extraídos da realidade. As normas e conclusões se aplicam não apenas ao caso mencionado, mas a todas as ocorrências com características similares.

A maioria dos casos apresentados são simples, habituais e comuns a todas as épocas. Mas aparecem também acontecimentos que chamam a atenção, tanto pela improbabilidade de ocorrência quanto pela complexida-

de econômica.

A *Guemará* não intervém nos preços. Qualquer que seja o caso, independente de limitações e complexidades, o preço é determinado pelo mercado, em função de oferta e demanda. A *Guemará* entende que esta é a melhor maneira de a economia funcionar.

Operação Financeira

Da *Mishná* da página 136a do tratado de *Bavá Batrá* extraem-se as normas que regem as operações de compra/venda de bens de capital cujo pagamento é feito no presente, mas a posse do bem é feita numa data futura incerta. O caso básico trata de uma pessoa que vende um campo hoje e recebe o dinheiro da venda hoje, mas o comprador só recebe o campo após o falecimento do vendedor. Segundo a *halachá*, o vendedor usufrui do campo até o seu falecimento e o comprador começa a usufruir do campo a partir de então.

É claro que o preço de um campo nestas condições é menor que em condições normais de entrega imediata. Além disso, o risco desta operação para ambas as partes é muito alto.

Note que se o comprador tomar posse do campo muito cedo o seu lucro é maior, porque pagou barato pelo campo. Se a posse do campo tardar muito, o vendedor é que ganha.

Podemos nos perguntar se este tipo de operação comercial era comum na época.

A chave para a existência deste tipo de negócio é a capacidade de calcular um preço “aproximadamente justo” para o campo em questão. Se for possível estabelecer um preço, a transação pode facilmente ser transformada em uma operação financeira, da seguinte maneira: Quando o comprador paga pelo campo, é como se estivesse fazendo um depósito numa poupança. Tempos depois, na hora da posse, considera-se o valor do campo vendido à vista. Quando o comprador recebe o dinheiro, é como se estivesse sacando da poupança. A diferença entre o dinheiro pago e o dinheiro recebido é a rentabilidade financeira da operação.

Esta operação financeira é muito similar a uma compra de *ketubá*, porém mais simples e com menos risco.

Com a tecnologia financeira de hoje, é possível calcular este preço de uma maneira bastante precisa. Mas a forma de chegar a este valor não é muito diferente da utilizada na época.

Estes cálculos certamente eram realizados intensivamente no mercado de *ketubot*. A *Guemará*, no tratado de *Macot* (pág. 3a) relata que existia um mercado líquido e sólido de *ketubot* – “*omedim bashuc*”. Certamente, neste mesmo mercado – não necessariamente físico – é que eram também negociados campos e outros bens de capital, como prensas, reservatórios e moinhos.

O grau de sofisticação deste mer-

cado era altíssimo, até para os dias de hoje. Não encontramos muitos exemplos similares na história.

Este mercado supria a procura por aplicações em investimentos financeiros. Como a *Torá* proíbe o empréstimo a juros, muitos capitais ficariam ociosos não fosse este tipo de opção. Pessoas ricas podiam fazer estes investimento sistematicamente, montando carteiras de investimentos financeiros. O *Talmud* deu forma legal e organizada a estas operações.

O Cálculo do Preço

Analisemos como se calcula o preço de um investimento como o citado – a venda de um campo hoje com o recebimento do dinheiro hoje e a posse após o falecimento do vendedor.

Casos de precificação como este se resolvem calculando o rendimento do campo a cada ano e ponderando as probabilidades estimadas de posse.

Calculemos hipoteticamente o preço de um campo vendido por um senhor de 75 anos de idade. O vendedor recebe o dinheiro imediatamente, mas o comprador toma a posse do campo somente com o falecimento do vendedor.

Simplificando os cálculos e a modo de exemplo, é como se fossem comprados 100 campos de 100 senhores nas mesmas condições – mesma idade e saúde. Estima-se que em dez anos estes campos passarão paulatinamente à posse do comprador no início de cada ano.

As probabilidades de quantos anos mais este senhor vai viver devem ser fornecidas por especialistas da área. Suponhamos que estas probabilidades sejam as seguintes: 33 no primeiro ano (33 em cada 100

pessoas nestas condições falecem no primeiro ano após a venda); 26 no segundo ano (26 em cada 100 pessoas falecem no primeiro ano após a venda); 26 no segundo ano (26 em cada 100 pessoas falecem no segundo ano); 15 no terceiro, e assim em diante, até que no décimo ano todos os campos são transferidos para o comprador.

O número de campos em poder do comprador será de 33 no ano 1, 59 no ano 2, 74 no ano 3, etc. Em outras palavras, as probabilidades de ter a posse do campo comprado são de 33%, 59%, 74%... para os anos 1, 2, 3... e 100% no ano 10.

O rendimento anual do campo é conhecido do mesmo modo que hoje é conhecido o rendimento de uma loja, padaria ou posto de gasolina. Suponhamos um campo que custe \$100,00 com um rendimento anual de 10% do valor do campo, ou seja, \$10,00.

Para encontrar o “valor justo” de apenas um campo comprado, calculamos quanto valem os 100 supostos campos e dividimos por 100.

Os rendimentos hipotéticos calculados a cada ano (ponderados pelas probabilidades de posse) devem ser trazidos para o “valor presente” (considerando-se o rendimento de 10%). Finalmente, o valor dos 100 campos no final dos 10 anos também deve ser trazido para o valor presente, simulando a venda a vista de todos os campos naquele momento.

Isto é o que o modelo de Black and Scholes faz de forma analítica para precificação de opções, mas também é o que uma pessoa faria se tivesse que estimar o valor de um campo com estas características. Este método de cálculo é eficiente no contexto de carteiras. ■



Segredo

Quão longe precisamos ir para descobrir o segredo da felicidade?

R. Kalman Packouz z"l

O segredo da felicidade está muito próximo de cada um de nós. A receita é simples: valorizar tudo de bom que possuímos.

Provavelmente há aqueles que dirão: “É fácil falar! Mas se você estivesse passando pelo que eu estou, não diria isso!”.

Vejamos algumas dicas de como manter sempre uma atitude positiva.

Pergunte a qualquer um: “O que você preferiria ser: feliz ou rico?”.

Quase todos diriam: “Preferiria ser feliz!”.

Entretanto, a maioria das pessoas se esforça mais para enriquecer do que para ser feliz.

Antes de tudo, para caminharmos em direção à felicidade precisamos nos livrar de dois conceitos errados:

1. É possível alguém saber como ser feliz, estar convencido de que as ferramentas funcionam e, ainda assim, não tomar nenhuma atitude para colocá-las em prática. Isso acontece pois o aprendizado de qualquer nova habilidade ou arte requer esforço e algum desconforto. Não existe uma poção mágica ins-

tantânea. Portanto, não presume erroneamente que, apenas porque você não consegue colocar algo em prática, significa que não deva acreditar nisto. Você pode estar certo de que funcionará e, ainda assim, continuar com preguiça.

2. Muitas pessoas pensam que o segredo da felicidade deve ser algum mistério cabalístico oculto ou alguma atividade exótica. Porém, a verdade é simples e fácil de entender. É algo que todos compreendem, mas não se atêm ao fato que já sabem.

Apenas uma suposição:

Imagine-se parado no 70º andar do edifício Empire State, em Nova Iorque. Repentinamente um homem abre a janela e diz:

– Vou saltar!

Você grita:

– Pare! Não faça isso!

– Se você tentar me segurar, leve-o comigo! – ele responde. O homem tem 1,95m de altura e pesa uns 120kg.

Então você fala:

– Tudo bem... mas talvez você queira deixar alguma mensagem? Talvez haja alguém que eu deva notificar?

– Você parece uma pessoa inteligente e amigável – ele diz. – Vou lhe dar quinze minutos para tentar me dissuadir de meu propósito. Mas primeiro deixe-me contar-lhe meus problemas para que você entenda minha situação.

Por horas você o escuta contar as mais horríveis tragédias e infortúnios. Você nunca tinha ouvido histórias assim. Ao final, você está chorando inconsolavelmente.

O que dizer então? De repente, você tem uma ideia inspiradora! – Senhor, se além de todos os seus problemas, você também fosse cego,

isto o tornaria mais ou menos infeliz?

Certamente mais! – ele afirma.

– E mesmo assim você pularia?

– É claro!

– Agora, imagine que neste momento um milagre acontecesse: você começasse a enxergar! Você vê as pessoas, o Sol, as nuvens, árvores, pássaros voando no céu! Você continuaria?...

– Suponho que desistiria – responde o homem com um meio sorriso.

– E todos os seus problemas e tragédias? – você pergunta.

– Não importariam mais tanto! Agora posso enxergar!

Interessante, não? Para uma pessoa que realmente valoriza o fato de que consegue enxergar, todos os seus infortúnios são diminutos.

Por outro lado, se alguém acha que tudo o que tem de bom é certo e garantido, nada que conseguir na vida lhe trará uma felicidade duradoura.

O segredo da felicidade é realmente apreciarmos aquilo que temos!

O “segredo” com uma historinha: Todos têm um primo ou uma tia que adora reclamar. Vamos chamá-la de “tia Sofia”.

Na próxima vez que visitar sua tia Sofia e ela desejar contar-lhe durante duas horas todas as suas misérias e sofrimentos, diga-lhe muito respeitosamente:

– Titia, eu vim sofrer com a senhora. Mas antes de sofrermos, por favor conte-me cinco satisfações que teve hoje.

– Satisfações?! Que satisfações? – responde a tia Sofia.

– Titia, vou embora agora mesmo se a senhora não compartilhar comigo algumas de suas satisfações de hoje!

Ela vacila. Você continua:

– Conte-me, por favor: a senhora bebeu um copo de café com leite esta manhã?

– Sim, bebi – ela responde.

Faça-a enfocar o prazer sentido:

– A senhora fechou os olhos e sentiu o aroma do café? Ele estava doce e quentinho? Deu-lhe energia?

Reviva esta satisfação com ela. Não se preocupe, ela terá que fazê-lo, pois deseja satisfazer seu pedido para poder começar logo a reclamar.

– O.k., estava doce e gostoso – ela diz. – Posso reclamar agora?

– Ainda não, Titia. Conte-me mais quatro satisfações.

– Não tenho mais nenhuma – ela responde.

– A senhora lavou o rosto? A água estava agradável? Isto a fez se sentir bem? A senhora saiu para tomar sol hoje?

Reviva os momentos para ela. Depois de fazê-la reviver cinco satisfações, suas reclamações serão muito menos amargas.

Apreciar os prazeres que temos é algo simples e prático.

Todas as noites, ao sentar-se com sua família ou um amigo, converse sobre cinco coisas boas que cada um de vocês vivenciou durante o dia. Incorpore isto ao seu ritual diário, especialmente se tiver crianças. Em algum tempo, verá que aqueles ao seu redor começarão a perceber durante o dia os prazeres que estão tendo, para poder compartilhá-los com você.

Acreditem, vale a pena aplicar este “segredo”!

Meor Hashabat Semanal baseado no livro “The Secret of Happiness” publicado pelo Esh HaTorá.



Bom Dia!

Você está ganhando mais um dia! Significa que tem mais tempo para ir atrás dos seus sonhos!

Não precisa pressa, não se afobe no caminho. Tenha o cuidado de observar e estar atento a tudo, inclusive aos detalhes, pois D'us está nos detalhes.

Lembre também que da observação perspicaz daquilo que está ao seu redor é que será possível enxergar novas oportunidades e novos caminhos.

Acredite: há muita coisa esperando por você. E muito mais esperando de você.

De imediato, o que você pode fazer é sentir-se feliz em fazer parte do milagre da raça humana. Você ouve, sente... logo, existe!

Não deixe o mau humor – o seu e o dos outros – contaminar o seu dia.

Esteja de bem com você e com a vida. Procure ver o lado bom dos fatos, nem que seja exclusiva-

mente a experiência que eles acrescentam.

Considere sempre que alegria traz alegria. Ressentimento traz rancor. Mau humor traz desânimo.

Fé traz esperança. Acreditar traz entusiasmo, que traz resultado, que traz realização, que traz confiança, que traz felicidade!

Está no ar uma nova manhã!

O dia será de infinitas escolhas.

Seja sábio ouvindo com sinceridade a voz que vem de dentro de você e será mais fácil acertar na escolha.

Considere que na vida nada representa o fim. A cada nova experiência, a cada transformação, há uma nova conquista que nos credencia a continuar aprendendo com a vida. Nada termina. Estamos sempre diante de um novo começo. ■

Keviut Seudá

Pat Habaá Bekisnin em Grande Quantidade.

Quando fazer netilat yadáyim, berachá de Hamotsi e Bircat Hamazon ao comer alimentos cuja berachá seria Borê Minê Mezonot se em pequenas quantidades.

Rabino I. Dichi

Observação: É comum o conceito de pão *mezonot* que, segundo a *halachá*, não é tão simples, como esclarecido neste capítulo. O Rabino Yechezkel Roth *shelita* escreve em sua carta de recomendação ao livro *Pitchê Halachá*, que se tivesse força, aboliria este conceito. Portanto, devemos conhecer a *halachá* de maneira clara, para não deixar de recitar o *Bircat Hamazon* quando deveríamos fazê-lo, deixando assim de cumprir uma *mitsvá* da *Torá*.

Keviut seudá é quando se fixa uma refeição sobre pat habaá bekisnin

1. Em todos os 3 casos citados anteriormente, em outro capítulo, a *berachá* é *Mezonot*, porém somente quando o indivíduo não os come como refeição (*seudat kêva*). O que vem a ser refeição será definido abaixo. Se a pessoa sabe que vai comer *pat habaá bekisnin* como refeição, deverá fazer *Netilat Yadáyim* com *berachá* e *berachá* de *Hamotsi* e no término da refeição recitará *Bircat Hamazon*.

Se após terminar de comer *pat habaá bekis-*

nin, o indivíduo constatou ter comido *shiur* de *keviut seudá*, mesmo que antes de comer recitou *Borê Minê Mezonot*, deverá recitar *Bircat Hamazon*.

Se o indivíduo estiver comendo *pat habaá bekisnin* e constatar que de agora em diante comerá *shiur keviut seudá* (4 *betsim*), deve interromper para fazer *Netilat Yadáyim* com *berachá*, para poder continuar a ingerir *pat habaá bekisnin*.

No caso acima citado, o *Mishná Berurá* sustenta ser sim necessário recitar o *Hamotsi*, e o *Caf Hachayim* sustenta que não é necessário recitar a *berachá* de *Hamotsi*.

Na prática, neste caso que o indivíduo vai comer o *shiur* de *seudá* desse momento em diante, deverá fazer *Netilat Yadáyim* com *berachá*, recitar *Hamotsi* e *Bircat Hamazon*.

2. Estão excluídos desta regra os denominados *maassê kederá*, massas cozidas sobre o fogão ou fritas em óleo, como macarrão e outros alimentos feitos com uma das cinco espécies – trigo, cevada, espelta, centeio e aveia – sobre as

quais a *berachá* anterior é *Borê Minê Mezonot*. Isso, ainda que sejam comidas em grandes quantidades, pois elas não têm nenhuma semelhança com o pão.

Mesmo que o macarrão depois de cozido for levado ao forno, não terá as leis de *pat habaá bekisnin*.

3. Definição de *keviut seudá*:

a) Para os *sefaradim*, *keviut seudá* é quando comemos a quantidade de quatro *betsim*, 224g em volume.

Portanto, ao ingerir o *shiur* de até três *betsim*, 168g em volume, recita-se *Mezonot* antes de comer *pat habaá bekisnin* e *Al Hamichyá* no final.

Não se deve comer de três a quatro *betsim*, pois é considerado *safec* (dúvida). Ou comemos até três *betsim* recitando antes *Mezonot* e depois *Al Hamichyá*, ou mais de quatro *betsim* recitando antes *Hamotsi* e depois *Bircat Hamazon*.

b) Entre os *ashkenazim* há discussão entre os *possekim* a respeito. Há quem sustente que quando o indivíduo come *pat habaá bekisnin* como refeição e não como petisco – por exemplo: come *pat habaá bekisnin* no café da manhã com outros alimentos – considera-se *seudá* e é necessário recitar a *berachá* de *Hamotsi*.

c) Ainda entre os *ashkenazim*, há quem sustente, que a definição de *keviut seudá* é de quatro *betsim*, 224g em volume.

E há quem sustente que é até mesmo mais de quatro *betsim*, pois é necessário ter *seviá* (que o indivíduo fique saciado).

d) Há um outro detalhe discutido na *halachá*: se o *shiur* de quatro *betsim* é composto exclusivamente de *pat habaá bekisnin*, ou se outros alimentos consumidos junto com o *pat habaá bekisnin* se tornam parte integrante do *shiur* de quatro *betsim*.

O *Caf Hachayim* escreve que o cos-

tume entre os *sefaradim* é o de não levar em consideração na soma total, os outros alimentos junto com o *pat habaá bekisnin* e consideram somente o *pat habaá bekisnin* para *keviut seudá*.

e) Já entre os *ashkenazim* há quem sustente que os outros alimentos completam o *shiur* de *keviut seudá*.

No entanto há quem sustente, que para fazer *Bircat Hamazon* é sempre necessário o *shiur* de quatro *betsim* e os outros alimentos vem somente completar o *shiur* de *seviá* (estar satisfeito).

Conclusão:

Os *sefaradim* podem comer todos os tipos de *pat habaá bekisnin* até o *shiur* de três *betsim*, mesmo que ao ingerir junto outros alimentos, o limite (*shiur* de três *betsim*) seja ultrapassado. Devemos lembrar sempre que este *shiur* é calculado em volume e que facilmente pode-se atingir três *betsim*.

– Entre três e quatro *betsim* é *safec* (dúvida), por isso não se deve ultrapassar o *shiur* de três *betsim*.

– Quando comer quatro *betsim* ou mais, o *sefaradi* deverá fazer *Netilat Yadáyim*, recitar *Hamotsi* e *Bircat Hamazon*, como se estivesse comendo pão normalmente.

– Quando se tratar de pães ou *chalot* doces, deverá tomar o cuidado em *lechatehilá* (em princípio) comê-los em refeição que se fez *Hamotsi* sobre pão que sua *berachá* é *Hamotsi*.

Com relação aos *ashkenazim* (para que não entrem em dúvidas), é correto que façam *Netilat Yadáyim*, recitem *Hamotsi*, comam *shiur* de pão e recitem *Bircat Hamazon*, sempre que comerem *pat habaá bekisnin* (*mezonot*) junto com outros alimentos, em refeições como café da manhã ou jantar.

do livro “*Veten Berachá*”
de autoria do Rabino Isaac Dichi

O judaísmo
mais perto de você!

editora & livraria
SEFER
A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL
www.sefer.com.br

Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366
www.sefer.com.br

Edmond Khafif
e filhos

Parabenizam a
Congregação Mekor Haim
pela divulgação dos valores
judaicos e desejam paz
e saúde para todo
Am Yisrael.

ANUNCIE AQUI!

Anunciando na
NASCENTE
seus conhecidos e amigos serão
também seus clientes e você ainda
estará colaborando para a
divulgação dos
valores judaicos!

David Abadi e Família

Desejam muito
sucesso material
e espiritual para
toda a kehilá.

Hashem Me Deu Um Soco

Um depoimento verdadeiro, uma lição.

“Certamente, aquele árabe me esfaqueou porque sou judeu”, disse Yossef. “Mas eu não senti que o problema era entre um judeu e um árabe. Era entre mim e *Hashem*.”

Naquela noite de inverno, seis anos atrás, Yossef tinha apenas 17 anos enquanto passava pelo *shuk* árabe, no caminho de volta do quarteirão judeu na Cidade Velha em Jerusalém. Ele tinha saído da *yeshivá* e passara um bom tempo com companhias não tão boas pelo centro de Jerusalém.

“Eu não estava bravo com *Hashem* ou duvidando da *Torá*, mas as coisas não estavam indo muito bem na *yeshivá*”, ele disse.

Já era meia-noite e Yossef andava pela rua David quando percebeu que um árabe saiu de um beco e estava bem atrás dele. Por ter crescido em Har Tsiyon, na Cidade Velha, Yossef conhecia bem aquela região e não tinha medo dos árabes.

Ele andava tranquilo, ouvindo música em seu walkman. Um pouco antes da estreita rua fazer a curva final em direção ao Portão de Jaffa, ele sentiu um golpe em suas costas e viu de relance o árabe fugindo.

“Eu demorei alguns instantes para perceber o que tinha acontecido”, ele se lembra.

Yossef tinha sido ferido com uma

faca afiada, que cortou seu rim direito em dois pedaços. Ele estava perdendo muito sangue e corria risco de vida.

Depois de perceber o que acontecera, ele começou a subir a rua em direção à praça em frente ao Portão de Jaffa, onde esperava encontrar ajuda.

“Eu não sentia dor e não entrei em pânico”, lembra-se Yossef. “*Hashem* me fez sentir que eu não morreria daquele jeito, que não era o fim.”

Mas em certo momento Yossef achou que não conseguiria continuar. Ele avistou um judeu de longe, mas não conseguiu levantar a voz para chamar sua atenção.

“Eu sentei numa escada a espera de que alguém viesse me ajudar.”

Algumas pessoas passaram por ele, mas tinham medo de se aproximar. Finalmente, um árabe se aproximou e Yossef murmurou que fora esfaqueado. Um estudante de uma *yeshivá* próxima ao local, que estava patrulhando a área, chamou os paramédicos com seu walkie-talkie.

Em menos de cinco minutos Yossef estava cercado de policiais. Uma ambulância levou-o apressadamente para o hospital Hadassa En Kerem, onde ele foi atendido em situação crítica. Os médicos o levaram imediatamente para o centro cirúrgico para conter o sangramento e remover seu rim prejudicado.

A história de Yossef foi manchete nos jornais duas vezes. A primeira após o esfaqueamento e, poucos dias depois, quando o culpado, um empreiteiro imobiliário, foi preso. Ele contou para a polícia que estava deprimido por dever muito dinheiro e que decidiu “matar um judeu” por causa disso.

O que os jornais não noticiaram foi a luta entre a vida e a morte de Yossef por causa da hepatite, que durou três semanas, aparentemente causada pela sujeira da faca. Nesta ocasião, o tio de Yossef decidiu que ele precisava da “cura da pomba”. Três pombas foram colocadas em sua barriga. “No dia seguinte às pombas eu comecei a me sentir melhor.”

O ataque foi um ponto de inflexão na vida de Yossef. “Eu encarei a situação de uma maneira pessoal. Sinto que foi um *chessed* que *Hashem* fez por mim. Naquela época eu não estava me dedicando muito em *avodat Hashem*, e o ataque forçou-me a fazer um balanço da minha vida. *Hashem* me deu um soco, mas por outro lado, Ele me salvou. Ele continuou a me amar e proporcionou um grande milagre para mim.”

“Tudo o que aconteceu despertou-me a fazer *teshuvá*. Alertou-me de que a vida não é eterna...”

Sua “jornada de volta” incluiu uma

visita aos Estados Unidos, onde ele estudou na *yeshivá Or Samêach* por um ano. “Lá eu desenvolvi um grande amor pelo estudo e me fortaleci bastante. Foi muito bom afastar-me de meus antigos conhecidos de Israel.”

A experiência de Yossef o deixou mais temeroso?

“Eu tenho medo de mim mesmo, dos meus pecados, mas não dos árabes. Meus amigos queriam se vingar do esfaqueamento, mas eu pedi para que desistissem da ideia. Somente *Hashem* pode vingar meu rim e a todos que foram mortos em atentados terroristas.”

Yossef sabia que o ato terrorista tinha sido muito mais marcante em seus pais, o rabino Elimelech Lepon e sua esposa Shoshana. “Quando acordei da cirurgia, percebi em seus olhos o sofrimento que tinham passado e quão assustados estavam.”

Como o ato terrorista afetou sua família?

De acordo com a Senhora Lepon, dois de seus onze filhos desenvolveram medo de dormir fora de casa e se recusaram a dormir na *yeshivá*. “Um deles costumava ligar para casa em todos os intervalos e perguntar se meu marido estava bem.”

Mas também houve pontos positivos. “Todos nós nos tornamos mais fortes”, disse a senhora Lepon.

“Quando você já esteve do outro lado e, *baruch Hashem*, sobreviveu, quando você tem seu filho de volta, você consegue sentir um pouco de liberdade – nós conseguimos! O que quer que *Hashem* decida nos enviar, nós sobreviveremos. Eu posso passar por qualquer coisa com a ajuda de D’us.”

De fato, a experiência foi tão “positiva”, que a senhora Lepon fez todos os esforços para não esquecê-la. “Nós gravamos todas as mensagens telefônicas e guardamos os e-mails que chegaram para Yossef”, disse ela. “Se isso

aconteceu, nós não queremos esquecer. Nós sempre encorajamos Yossef a falar sobre o assunto.”

O rabino Lepon transformou sua experiência em trabalho junto ao “Kids for Kids”, uma organização que ajuda crianças vítimas de ataques terroristas.

“Eu senti que possuía uma sensibilidade mais apurada para entender o que aquelas famílias haviam passado. Eu sei onde procurar os problemas. Eu vi em minha própria família como o problema afeta cada criança. Todas ficam preocupadas e cada uma tem uma forma de se relacionar com isso.”

O rabino Lepon ficou muito desconfortável por ser ajudado por tantas pessoas. Mas comoveu-se pela maneira que a comunidade se mobilizou para ajudar logo após o ataque. “As pessoas traziam comida, levavam as crianças para passear, ofereciam-se para limpar a casa. Eu descobri que existem vários gastos que as pessoas nem pensam – táxis para o hospital, babysitters, comida para as pessoas que fazem companhia no hospital.”

O rabino Lepon ficou ao lado de Yossef em seu leito por três semanas, prestando atenção nos médicos e na equipe, e imaginando se as coisas voltariam ao “normal”.

O que ele aprendeu com essa experiência?

“Nós encaramos tudo como um *nissayon* – um teste de cima. Nós dissemos a nós mesmos que conseguiríamos superar tudo e crescer. Que precisávamos disso para ir em frente, para aproximarmos-nos de D’us. Minha maior lição foi aprender que nos lugares que aparentam ser mais escuros, é onde a luz começa a brilhar.”

“Havia uma maior proximidade entre a família, as pessoas se importando umas com as outras. Havia também um enorme senso de fazer parte

do *Klal Yisrael* e sentir a bondade vindo de todas as direções.”

Quanto a Yossef, ele também sentiu que o ataque o aproximou de seus pais. “Isso deu-lhes a chance de banhar-me com todo o seu amor.”

Qual é a mensagem de Yossef para os outros, para seus amigos que caminham sem rumo no centro de Jerusalém, para aqueles como nós que querem aprender com essa experiência?

Yossef considera que a questão merece reflexão. Finalmente ele oferece os frutos de seus últimos seis anos de procura.

“*En od Milevadô* – não há nada além de D’us.”

“Por um lado, a vida não dura para sempre, e *Hashem* é um juiz que não erra e não esquece. Por outro lado, Ele nos ama em todas as situações. Não há motivos para desistir. Se existe a possibilidade de estragar qualquer coisa, também existe a possibilidade de consertá-la. Nós temos que superar nossos instintos. Mas somente *Hashem* pode nos ajudar a vencer.”

“Tudo o que eu quero é que *Hashem* me proporcione o mérito de mostrar a luz da *Torá* para meus amigos e ajudá-los a voltar.”

Só uma coisa preocupou Yossef sobre a nossa entrevista. Ele tinha dúvidas se merecia um lugar nesta coluna.

A coragem de fazer um *cheshbon hanêfesh* – uma auto-análise – depois de um evento tão traumático, de assumir a responsabilidade por sua própria vida e fazer uma reviravolta tão dramática, é eminentemente válida para estar nestas páginas.

Que sua história possa inspirar outros a concretizar as mesmas realizações e trilhar o caminho difícil, mas recompensador, de volta para casa.

Hamodia

Traduzido com permissão

Central de Informações

R. Yochanan David Salomon

Meu nome é muito comum: Avraham. O número de chamadas telefônicas por engano que recebo é incontável! Sextas-feiras à tarde, por exemplo, recebo ligações perguntando se sou o “senhor Levi, o escrivão do tribunal”. Ainda não consegui descobrir por que justo na sexta-feira à tarde é hora de procurar escrivões de tribunais, mas posso lhes garantir que isso me atrapalha demais nos preparativos para o Shabat.

Isso mesmo. Meu nome é simplesmente: Avraham.

Realmente, é um nome muito comum. Mas logo logo você entenderá que este nome que me deram quando “entrei no pacto de *Avraham Avínu*” com oito dias de vida, tem algo importante a ver com aquilo que quero contar.

Meu nome inicia com a letra *álef*. Em seguida vem a letra *bêet*. E estas são as primeiras letras do nosso alfabeto. Você pode perguntar: “E daí?...”

Eu também não tinha reparado nisso até que nos mudamos para esta casa nova. Isso ocorreu há cerca de um ano e meio. Esperamos impacientes meio ano até que nosso nome, com o novo endereço, constasse finalmente na lista telefônica. Não imaginávamos que dor de cabeça isso nos causaria...

Na nossa rua moram mais alguns judeus cujos sobrenomes também são Levi, como o nosso. Sem conhecê-los, descobri – por telefone – quais são as suas ocupações. Descobri mais coisas também – de uma forma no mínimo estranha.

Uma certa noite eu estava ocupado confe-

rindo umas contas enormes. De repente tocou o telefone. Interrompi meus extensos cálculos bem no meio e atendi o telefone. Do outro lado alguém perguntou: “Por favor, aí é da residência da família Levi?” Eu mal confirmei e o sujeito começou a falar ininterruptamente sobre uns assuntos referentes a congeladores. Imediatamente entendi que ele gostaria de estar falando com algum outro Levi. Eu queria desligar, mas isso não seria nada educado. Passou-se mais de um minuto até que consegui interrompê-lo e convencê-lo de que falava com a pessoa errada.

No dia seguinte, recebi o telefonema de uma senhora. Depois de perguntar se aqui morava a família Levi, ela sugeriu um rapaz para ser o noivo de minha filha. O único problema é que minha filha ainda está na sexta série e ainda tem muito chão pela frente... Foi difícil convencê-la de que ela discara o número errado. “O que você está querendo dizer?!” Perguntou ela num tom agressivo. “Eu peguei seu número na lista telefônica! Você é o Levi da Rua Senzol, não é?” Com muito custo consegui convencê-la de que nessa rua moram algumas famílias Levi. E para meu azar, o nome “Avraham” apa-

rece na lista antes de Chayim, antes de Moshê e bem antes de Shaul!

Vocês estão entendendo o que ocorre? Todo aquele que procura um Levi na rua Senzol, encontra primeiro o meu nome e, com muita determinação, disca meu número.

Sextas-feiras à tarde, por exemplo, recebo ligações perguntando se sou o “senhor Levi, o escrivão do tribunal”. Ainda não consegui descobrir por que justo na sexta-feira à tarde é hora de procurar escrivões de tribunais, mas posso lhes garantir que isso me atrapalha demais nos preparativos para o *Shabat*.

Um belo dia chegaram até a me agredir verbalmente pelo telefone, reclamando de uma certa geladeira que fora encomendada e que ainda não tinha sido entregue, apesar de ter sido paga há muito tempo. Todos os meus argumentos de nada valeram. O sujeito do outro lado da linha achou que eu estava me esquivando com mentiras. Aquele indivíduo me amolou várias vezes por telefone. Pelo jeito, agora ele já deve ter recebido a sua geladeira...

Dessa maneira, ampliei o meu conhecimento a respeito dos moradores das famílias Levi que moram na minha rua: um vende geladeiras, outro é escrivão no tribunal e o terceiro tem uma filha que já atingiu a idade de se casar.

Esse conhecimento aumentou mais ainda quando uma senhora me ligou perguntando se aqui era da casa dos Levi e pediu para falar com a Tuti. Eu disse que aqui não morava nenhuma Tuti, e já ia desligar quando ela gritou: “Um momento! Ouça bem, meu senhor. Estou num telefone público e acabei de colocar minha última ficha. Faça-me um favor, é muito importante, mande alguém chamar a Tuti imediatamente.” Espantei-me da ousadia da mulher. “Minha senhora”, eu disse,

“moro no número 500, e o Levi mais próximo mora no 727. E eu nem mesmo sei se lá mora alguma Tuti! Estou sozinho em casa, de chinelos e não conheço essa tal de Tuti; por favor, seja razoável!” A mulher não acreditou em mim e disse: “Seu sem vergonha!” Em seguida, bateu o telefone na minha cara.

Cada um dos outros três Levis que moram na minha rua tem filhos e filhas. E eles têm amigos e amigas que gostam de conversar durante todas as horas do dia. O número de chamadas telefônicas em casa é incontável! Isso acontece quando estamos fritando uma omelete ou quando estamos descansando numa poltrona. Durante cálculos extensos que exigem grande concentração ou enquanto lavamos a louça e estamos com as mãos ensaboadas.

Minha esposa e eu por vezes saímos do sério. Quando precisamos descansar, gostaríamos realmente de desconectar o telefone da tomada, mas ficamos receosos que justo então poderia ligar a vizinha velhinha pedindo ajuda. Pensamos em pedir que retirem nosso nome da lista telefônica, mas isso só traria benefícios daqui há alguns anos, quando todas as listas tivessem sido recolhidas ou se estragassem.

Ontem aconteceu algo deveras inusitado: não houve nenhum telefonema por engano em casa. Tive tempo de pensar no assunto. Deixei minha imaginação solta e pensei com meus botões:

“Imagine se não fosse eu, Avraham Levi, quem morasse nesta casa, mas sim o Rabino Yisrael Salanter. Sim, o Rabino Salanter, o mestre do *mussar*. Como ele atenderia a todos esses telefonemas por engano? Com certeza ele não bateria o telefone com raiva. Isso até mesmo nós não faze-

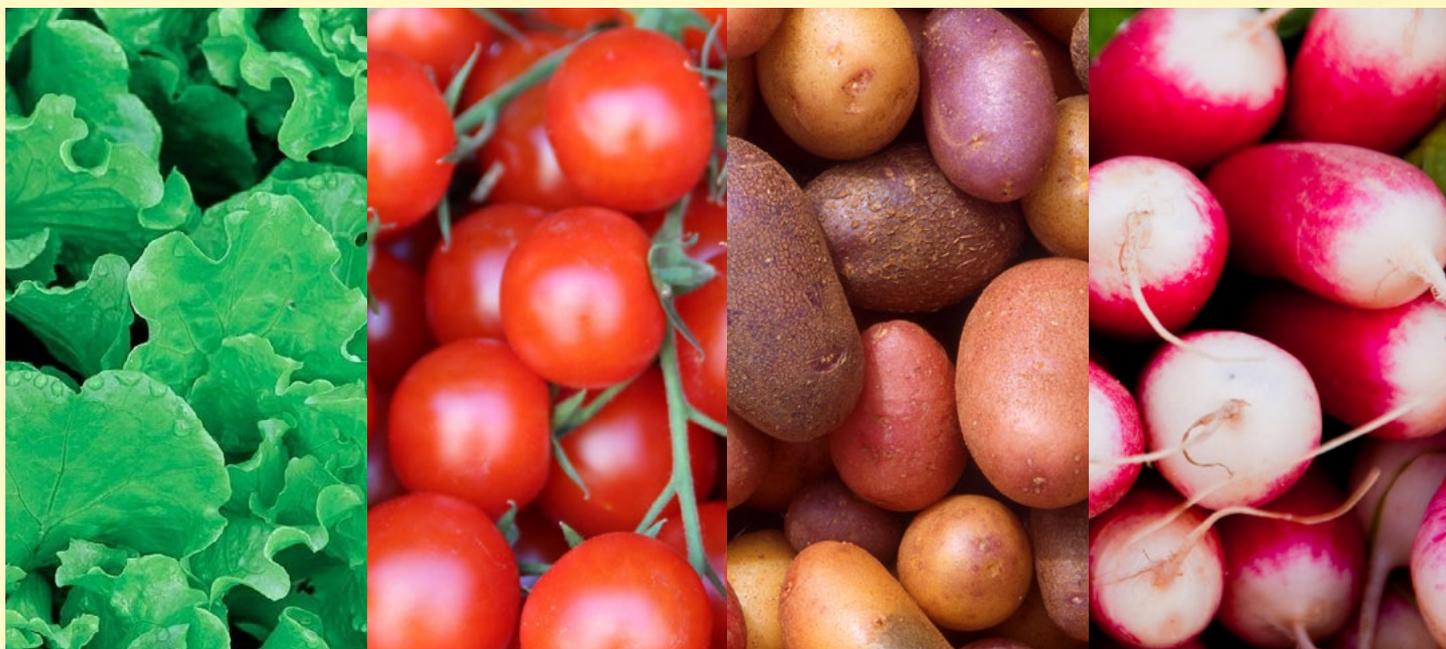
mos. Ele, com certeza, explicaria ao interlocutor com calma e paciência o seu engano. E faria isso com a mesma paciência até mesmo no décimo telefonema daquele dia.”

Fiquei pensando dessa forma por alguns momentos. Mas depois voltei atrás no meu pensamento. Não, isso não combina com ele. Ele faria algo totalmente diferente. Ele se dirigiria às famílias Levi da rua e tomaria nota de todos os membros das famílias com os respectivos números telefônicos ao lado de cada um. Assim ele poderia ser útil àqueles que ligassem por engano. Até no caso da Tuti, ele anotaria o recado para posteriormente entregar a ela.

Minha imaginação levou-me à época de *Avraham Avínu*. Imaginei um viajante passando por sua tenda e perguntando: “Com licença, aqui mora o *Mamrê*?” Outra pessoa ficaria furiosa por interromperem-na no meio do seu estudo. Mas o que você acha que *Avraham* faria? Ele atenderia correndo e diria simpaticamente que *Mamrê* mora do outro lado do monte. Ofereceria uma bebida, descansando e depois se proporia a acompanhá-lo até o monte para indicar o caminho. Assim foi *Avraham Avínu*, que ensinou seus filhos como recepcionar e praticar bondade e justiça.

Envergonhei-me.

Um ano inteiro fiquei fervilhando de raiva e procurando descobrir como me livrar deste “centro de informações” no qual fui envolvido sem aviso prévio e sem ser consultado. Como não passou pela minha cabeça que coube a mim uma função ímpar de ser prestativo para as pessoas e, ao mesmo tempo, a oportunidade de autoeducar-me nas virtudes da paciência, de ter um bom coração, ajudar o próximo e ser simpático com todos? ■



Restaurando

Alface e outras folhas I: Faça a alface e outras folhas murchas reviverem, colocando-as numa vasilha com água e suco de limão. Depois deixe de molho por uma hora na geladeira.

Alface e outras folhas II: Para reavivar as folhas murchas de saladas, mergulhe-as por um minuto em água quente e depois em água gelada com um pouco de vinagre.

Batata: Quando as batatas estiverem murchas, lave-as muito bem, coloque-as num recipiente com água fria e ponha-as na geladeira durante algum tempo.

Bolo I: O bolo velho pode ficar novo se mergulhado em leite frio e assado em forno médio por alguns minutos.

Bolo II: Se após assar um bolo, você perceber que passou do ponto e a casca ficou um pouco queimada, faça o seguinte: raspe a superfície do bolo, delicadamente, com a parte fina do ralador e retire os farelinhos com um pincel.

Carne congelada: Para tirar a cor escura de carnes congeladas basta deixá-las de molho no suco de limão antes de prepará-las.

Cenoura: Coloque as cenouras murchas dentro de uma vasilha com água, que elas voltarão ao normal.

Limão: Se os limões estiverem verdes e com pouco sumo, cubra-os com água. Troque a água diariamente. Eles vão amadurecendo e ficando mais suculentos.

Pão duro I: O pão amanhecido fica crocante novamente se umedecido em água e colocado alguns minutos no forno quente.

Pão duro II: Colocar no microondas por 30 segundos (o tempo varia com a potência). Ele fica mole e saboroso. Depois pode-se dar-lhe uma tostadinha na grelha ou torradeira; desta forma ele volta a ficar fresco.

Queijo I: Não desista dos queijos que ficaram duros. Recupere-os colocando de molho no leite.

Queijo II: Quando o queijo endurecer, tornando-se quebradiço ao ser cortado, experimente embrulhá-lo em um pano embebido em vinho branco durante um certo tempo. O queijo voltará a ficar macio, como quando fresco.

Rabanete: Rabanetes que já não estão muito frescos ficarão melhores se você os colocar de molho, em água fria, pelo menos meia hora antes de serem utilizados.

Sopa: Aproveite sempre a água do cozimento dos legumes em sopas, pois ela contém sais minerais e vitaminas.

Tomate: Se os tomates estiverem maduros e moles demais para a salada, coloque-os numa vasilha com água fria e salgada. Depois de algum tempo eles voltarão a ficar firmes.

Vagem, ervilha, espinafre: Adicione um pouquinho de bicarbonato de sódio na água fervente. Ele manterá o verde mais vivo e cozinhará os vegetais mais rapidamente.

Falando Sobre o Câncer de Pele

Para esclarecer os conceitos básicos relacionados com esta doença, a Nascente conversou com o especialista no assunto, Dr. Bension Segal.

Nascente: Qual a causa dos tumores de pele?

Dr. Segal: O fator mais importante é a exposição ao sol (radiação ultravioleta), que altera a estrutura do DNA das células, causando mudanças nas mesmas.

Existem outros fatores que também estão associados ao câncer de pele, tais como: cigarro, arsênico, radiações ionizantes, além da predisposição genética hereditária.

Nascente: O câncer de pele é frequente?

Dr. Segal: É um dos tipos mais comuns, sendo que mais da metade dos tumores malignos diagnosticados nos Estados Unidos são de pele. Dentre eles, o chamado carcinoma basocelular é considerado o mais frequente.

Nascente: É comum uma lesão de pele se transformar em câncer?

Dr. Segal: Existem lesões chamadas pré-malignas, que têm grande capacidade de se malignizar. Por exemplo, a queratose actínica. É uma lesão que aparece em geral após os 40 anos, sendo que os homens são mais afetados que as mulheres. Em geral essas lesões aparecem nas regiões mais expostas ao sol.

Nascente: Qual é o câncer de pele mais perigoso?

Dr. Segal: Sem dúvida o melanoma é um dos mais malignos e frequentes tumores de pele. Ocorre em geral entre 30 e 50 anos, sendo mais

frequente na raça branca e no sexo feminino.

Eles estão relacionados com diversos fatores. Entre eles: predisposição hereditária (5% dos casos), exposição ao sol e fator hormonal.

Nascente: Por que eles são tão perigosos?

Dr. Segal: Os melanomas têm alto potencial de formar metástases, ou seja, a capacidade que as células malignas têm de sair do tumor original e alojar-se em outro lugar, como o fígado, os pulmões, os ossos e o cérebro.

Nascente: Como podemos prevenir o câncer de pele?

Dr. Segal: É importante que todos saibam que a luz solar é uma importante fonte de vitamina D, essencial para o fortalecimento ósseo, mas em excesso, pode levar ao aparecimento de câncer de pele.

Previne-se o câncer de pele limitando a exposição solar desde a infância. O melhor horário de exposição ao Sol é até as dez horas da manhã e após as quatro horas da tarde. É importante não esquecer de trajar roupas apropriadas, boné e filtro solar.

Pessoas com muitas “pintas” e manchas senis ou lesões queratósicas (queratose actínica) precisam ser mais cautelosas.

O câncer de pele é muito mais comum em países ensolarados como o Brasil. Ao tomar sol na hora errada, não se corre apenas o risco de adquirir câncer de pele, como também insolação, catarata, lesão de córnea, de retina e

envelhecimento precoce da pele.

Sol é bom, mas também pode fazer muito mal.

Nascente: Como funciona o protetor solar?

Dr. Segal: O protetor solar contém substâncias químicas e físicas que absorvem ou refletem a radiação no espectro ultravioleta.

Quando os raios solares atingem sua estrutura química, uma transformação ocorre: a energia na forma da luz é convertida para um tipo diferente de energia, e o calor é liberado para o ambiente.

Sem a proteção desses bloqueadores químicos, a radiação ultra-violeta penetraria na pele, causando alterações e danos nas células.

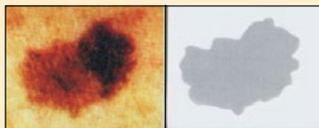
Nascente: Como podemos saber qual o protetor que devemos usar?

Dr. Segal: Peles muito claras (tipos I e II), pessoas ruivas e loiras devem usar filtro solar maior ou igual a 30. São indivíduos que se queimam e não se bronzeiam.

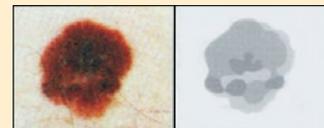
Peles morenas claras (tipos III e IV) já permitem um filtro com índice 15.

Os mulatos, pardos e negros (tipos V e VI) não têm necessidade de usar protetor solar, pois eles possuem grande quantidade de melanina, que é a proteção natural da pele

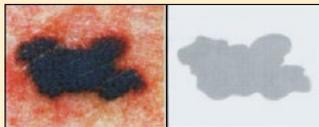
Os sinais a seguir podem representar melanomas malignos:



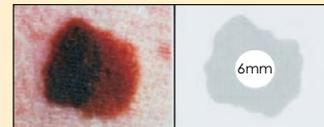
Assimetria: uma metade não se parece com a outra metade.



Cor variada de uma área para outra; sombras de marron, preto, e às vezes branco, vermelho ou azul.



Borda irregular: borda recortada ou com fraca definição.



Diâmetro mais largo de 6mm ou mais (diâmetro de um lápis).

contra os efeitos nocivos dos raios ultravioleta.

É importante proteger a pele em todas as atividades ao ar livre: quando for trabalhar, andar de bicicleta, caminhar, etc.

Nascente: Como é o aspecto de uma lesão cancerosa?

Dr. Segal: Há várias características. Em geral, notam-se manchas ou nódulos brancos, avermelhados ou castanhos. O tamanho pode ser variado e geralmente se localizam em áreas expostas, como face, pescoço, dorso das mãos e couro cabeludo de calvos.

Nascente: Quando devemos consultar o dermatologista?

Dr. Segal: Deve-se procurar o dermatologista sempre que aparecer

alguma alteração estranha na pele, como por exemplo:

- Um “calombo” brilhante, avermelhado, castanho, rosado ou de várias cores.
- Quando uma pinta ou mancha muda de cor, começa a aumentar, coçar ou sangrar.
- Quando observa-se feridas que não cicatrizam.

Para facilitar a compreensão, observe as fotos do quadro acima. Nele podem-se identificar os quatro sinais mais perigosos em lesões pigmentadas da pele: assimetria, borda irregular, cor variada e diâmetro maior de 6mm.

O Dr. Bension Segal é especialista em dermatologia pela Sociedade Brasileira de Dermatologia, ex-professor assistente de clínica médica da Santa Casa de São Paulo e médico do Ministério da Saúde.

HM
Hecho por Mi
Costura - Croché

Kissuim
Imperdíveis!

Garanta já os seus!

Telefone: 94168-5077



O Acendimento da Chanukiyá

A fim de recordar e de fazer saber o grande milagre de *Chanucá*, nossos sábios determinaram que acendêssemos as chamas de *Chanucá* durante as oito noites da festa. Geralmente, coloca-se a *chanukiyá* sobre uma mesinha, ao lado esquerdo da porta de entrada, frente à *mezuzá* – que está do lado direito – para envolver a entrada da casa com *mitsvot*. Há ainda aqueles que costumam colocar a *chanukiyá* na janela que dá para a via pública, de maneira tal que seja visível aos transeuntes. Contudo, não se deve colocá-la acima de 9,3 metros do solo.

A luz da *chanukiyá* é sagrada pelo fato de que é com ela que recordamos o acendimento da *Menorá* do *Bêth Hamicdash*. Ela não pode ser utilizada para outro fim, como para fazer algum trabalho ou para ler. Por isso, acrescentamos uma vela extra chama-

da *shamash*, cuja luz pode ser utilizada em caso de necessidade.

As luzes da *chanukiyá* devem estar alinhadas numa mesma fileira e todas devem ficar na mesma altura. As luzes devem estar distantes o suficiente para que as chamas não se toquem. No caso de usar velas de cera, deve-se aumentar a distância entre elas, para que uma não derreta a outra.

Na primeira noite de *Chanucá* (25 de *kislev*), acende-se uma vela; na seguinte, duas, na terceira, três e assim sucessivamente até a oitava noite, na qual acendem-se as oito velas (mais a vela piloto – *shamash* – que é acesa todas as noites). Assim decidiu *Bêth Hilel*, para que os transeuntes pudessem reconhecer – conforme o número de luzes – qual era o dia da festa. Não obstante, aquele que, por algum motivo, acende uma só vela todas as noites, pode acendê-la com as bênçãos correspondentes.

As luzes de *Chanucá* devem permanecer acesas pelo menos durante meia hora após o aparecimento das estrelas. Antes de acendê-las, devemos nos certificar de que temos a quantidade suficiente de azeite, ou no caso de usarmos velas, que estas sejam bastante grandes para que permaneçam acesas durante o tempo necessário. É preferível acender a *chanukiyá* com azeite a acendê-la com velas.

De preferência, acende-se a *chanukiyá* imediatamente após o aparecimento das estrelas. Porém, se não puder acender imediatamente após a saída das estrelas, poderá acender mais tarde, mas não muito tarde a ponto de não haver mais transeuntes nas ruas ou membros da família acordados em casa, para cumprir com a obrigação de divulgar o milagre de *Chanucá*. Durante a primeira meia hora, por respeito ao acendimento das velas, devemos tratar de não realizar nenhum trabalho – especialmente as mulheres, que tiveram participação decisiva relacionada com os acontecimentos da história de *Chanucá*.

Os *sefaradim* costumam acender uma *chanukiyá* por casa, devendo, de preferência, ser acesa pelo chefe da família com a presença de todos.

As mulheres têm a mesma obrigação que os homens de acender as velas. Portanto, num lugar onde só moram mulheres, uma delas deve acender a *chanukiyá* e recitar as respectivas bênçãos.

Os *ashkenazim* têm o costume de que cada membro da família acende sua própria *chanukiyá*, exceto as mulheres. As esposas devem acender somente quando o marido está ausente.

Na sexta-feira, véspera do *Shabat*, as velas de *Chanucá* são acesas antes daquelas que correspondem ao

Shabat. Deve-se preparar uma maior quantidade de azeite ou velas de tamanho maior, a fim de assegurar que ardam até meia hora após o nascer das estrelas. Sábado à noite, *motsaê Shabat*, acendem-se as luzes depois do término do *Shabat* – após a *Havdalá*.

Neste ano, a primeira vela de *Chanucá* deve ser acendida na noite de quinta-feira, dia 10 de dezembro. A vela deve ser posicionada no lado direito da *chanukiyá*.

A partir da segunda noite, acrescenta-se, a cada noite, uma nova vela à esquerda das primeiras. Costuma-se colocar as velas na *chanukiyá* da direita para a esquerda, mas devem ser acendidas da esquerda para a direita (veja ilustração). Ou seja, acende-se primeiro a vela correspondente àquela noite e, em seguida, a que foi acesa na noite anterior.

Deve-se sempre acender as velas da esquerda para a direita. Quando pronunciar a *berachá*, a vela mais próxima de quem recita a *berachá* deverá ser a vela daquela noite – a da esquerda.

Todas as noites recita-se as seguintes *berachot* (pronunciar os hífens nos nomes de D'us como a letra "o").

Baruch Atá Ad-nay El-hênu Mêlech haolam asher kideshánu bemitsvotav vetsivánu lehadlic ner Chanucá (os *ashkenazim* terminam com: *ner shel Chanucá*).

Baruch Atá Ad-nay El-hênu Mêlech haolam sheassá nissim laavotênu bayamim hahem bazeman hazê.

Que significam:

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo, Que nos santificou com Seus preceitos e nos ordenou acender a vela de *Chanucá*.

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo,

Que fez milagres para os nossos antepassados naqueles dias nesta época.

Na primeira noite acrescenta-se uma terceira *berachá* antes de acender. Aqueles que, por algum motivo, deixaram de acender na primeira noite, quando acenderem pela primeira vez, também devem recitar a terceira *berachá*:

Baruch atá Ad-nay El-hênu Mêlech haolam shehecheyánu vekiyemánu vehiguíyánu lazeman hazê.

Que significa:

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo, Que nos deu vida e nos fez existir e nos fez alcançar esta época.

Há quem costuma acender as velas com o auxílio do *shamash* e há os que utilizam uma outra vela. De qualquer forma, as bênçãos devem ser proferidas imediatamente antes do acendimento da vela da noite (e não antes do *shamash*).

Se uma vela se apagar durante o período da meia hora desde o aparecimento das estrelas, exceto no *Shabat*, costuma-se reacendê-la sem recitar novamente as bênçãos. É permitido apagar as velas ou mudá-las de lugar depois que arderam o tempo mínimo necessário de 30 minutos, exceto na sexta-feira à noite.

Se, por qualquer motivo, alguém não pôde acender as velas de *Chanucá* em uma das noites, deverá continuar a acender na noite seguinte conforme o número correspondente. Por exemplo: se não acender na quarta noite, deverá acender cinco velas na quinta noite.

Também na sinagoga deve-se acender as velas de *Chanucá*, proclamando assim o milagre ocorrido; porém, nenhum dos presentes, nem mesmo o encarregado de acendê-las, fica por isso isento de acender as velas em sua casa.

GUIA PRÁTICO DO ACENDIMENTO

Com horários exclusivos para a cidade de São Paulo

Todas as noites, acende-se o Shamash (ou uma outra vela auxiliar) e depois recita-se as seguintes berachot:
(Pronunciar os hífen nos nomes de D'us como a letra "o".)

*Baruch Atá Ad-nai El-hênu
Mêlech haolam asher kideshánu
bemitsvotav vetsivánu lehadlic
ner Chanucá.*

Os ashkenazim terminam com:
ner shel Chanucá.

*Baruch Atá Ad-nai
El-hênu Mêlech haolam
sheassá nissim laavotênu
bayamim hahem bazeman
hazê.*

Na primeira noite acrescenta-se uma terceira berachá antes de acender:

*Baruch Atá Ad-nay El-hênu
Mêlech haolam shehecheyánu
vekiyemánu vehiguiyánu
lazeman hazê.*

25
Kislev



1ª Noite

QUINTA-FEIRA, 10/DEZ
a partir de 19h16m.

26
Kislev



2ª Noite

SEXTA-FEIRA, 11/DEZ
Antes do acendimento das velas de Shabat, que é às 18h27m.
Deve haver azeite suficiente para as chamas arderem até as 19h47m.

27
Kislev



3ª Noite

SÁBADO, 12/DEZ
Após a Havdalá, a partir de 19h34m.

28
Kislev



4ª Noite

DOMINGO, 13/DEZ
a partir das 19h18m.

29
Kislev



5ª Noite

SEGUNDA-FEIRA, 14/DEZ
a partir de 19h18m.

30
Kislev



6ª Noite

TERÇA-FEIRA, 15/DEZ
a partir de 19h19m.

1
Tevet



7ª Noite

QUARTA-FEIRA, 16/DEZ
a partir de 19h20m.

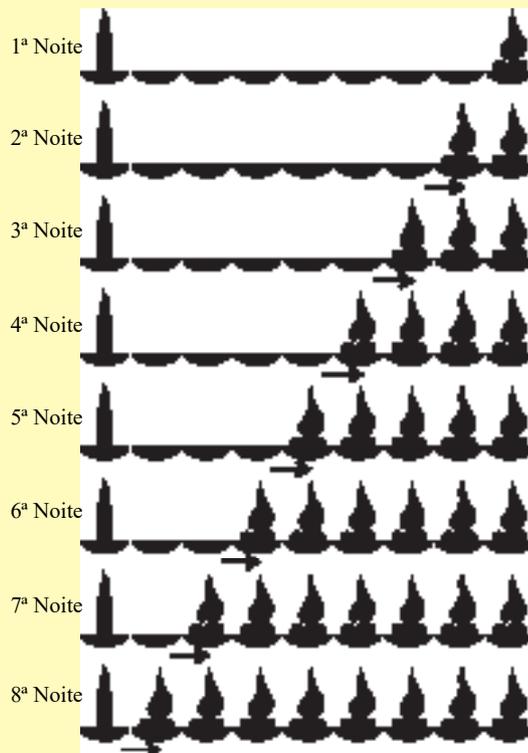
2
Tevet



8ª Noite

QUINTA-FEIRA, 17/DEZ
a partir de 19h20m.

ACRESCENTAR UMA VELA A CADA NOITE E ACENDER DA ESQUERDA PARA A DIREITA



ACENDENDO A CHANUKIYÁ NA 3ª NOITE

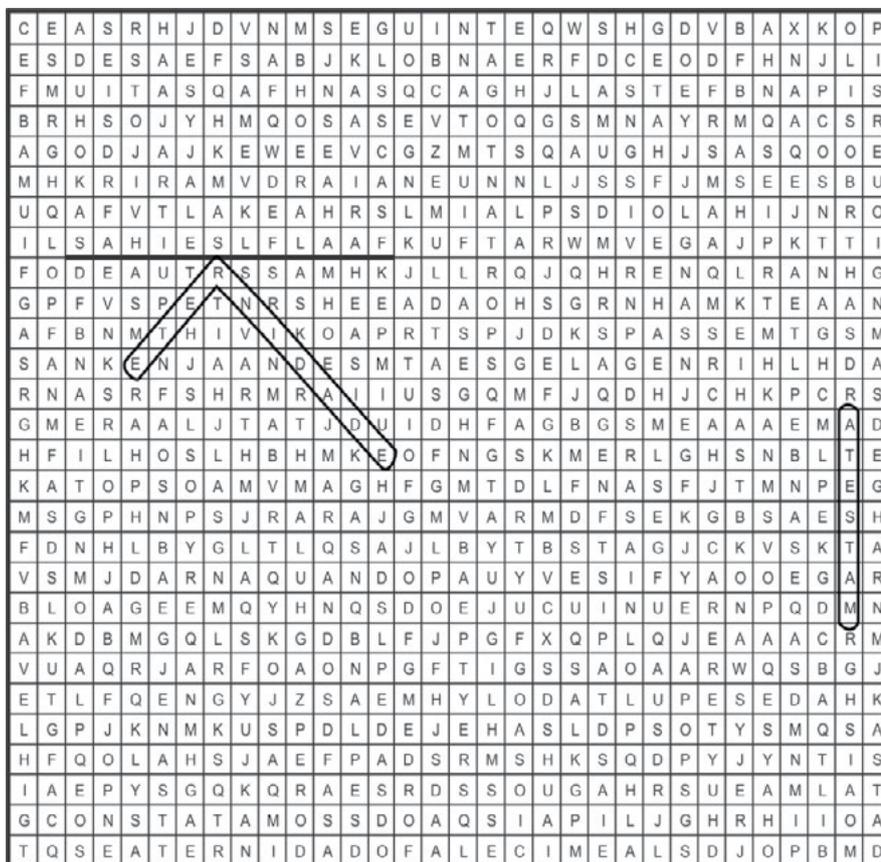
Na terceira noite, por exemplo, deve-se recitar as duas *berachot* e proceder da seguinte forma:

- 1º - Acender a vela nova, a da esquerda;
- 2º - Acender a vela logo à direita;
- 3º - Por fim, acender a seguinte à direita.

Pega Palavra

Encontre no diagrama as palavras destacadas em negrito no texto abaixo. As palavras se encontram em linhas retas em todas as direções: horizontal, vertical e diagonal, em ordem direta ou inversa. Na busca, as palavras não podem ultrapassar a barreira, mas podem rebater nela.

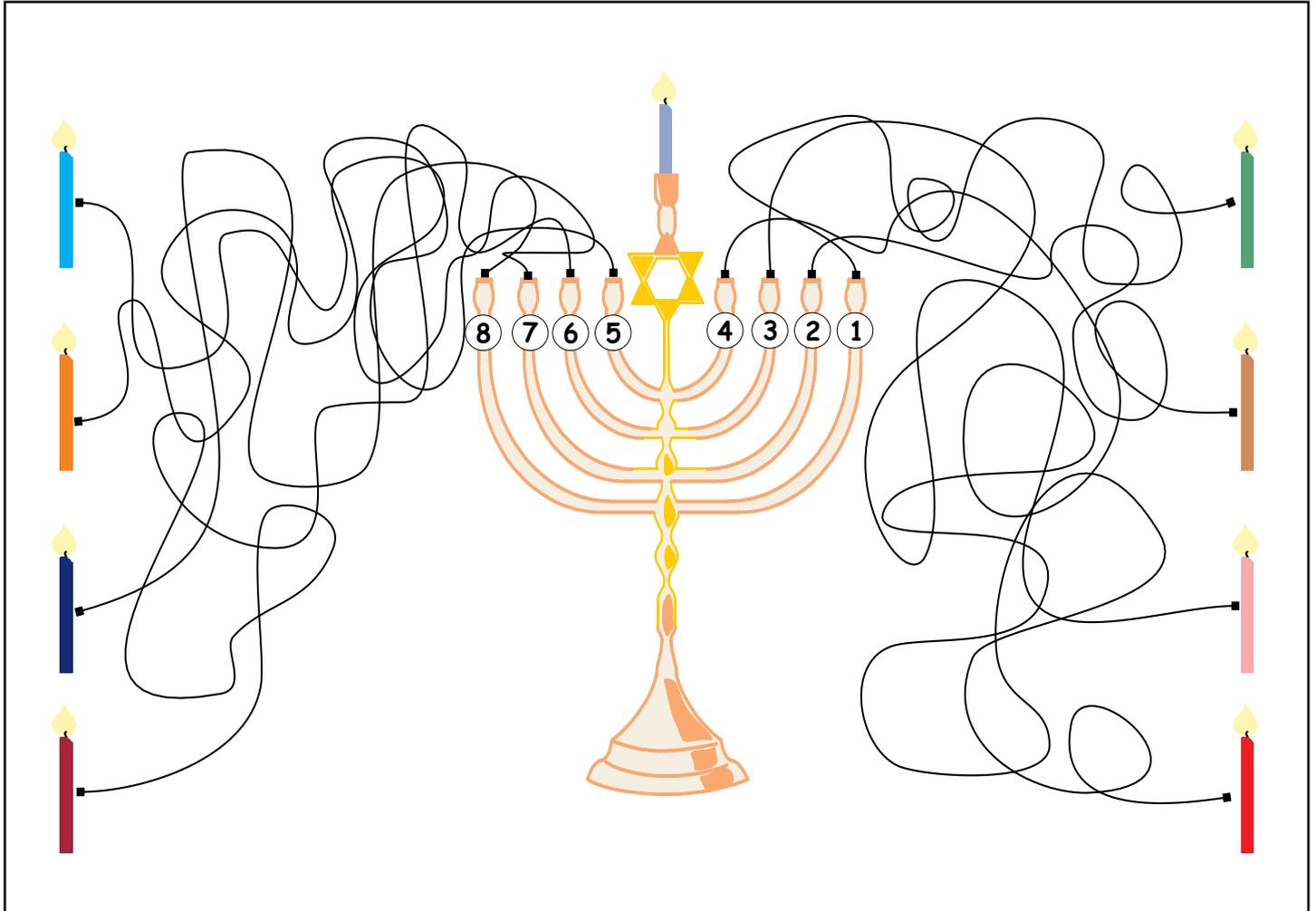
Muitas passagens da Torá **atestam** sobre a **eternidade** da alma. Vejamos duas delas, conforme nos relata o Rabino Yaacov Kanievski zt”l em seu **livro** “Chayê Olam” (cap. 7):D’us disse a **Avraham** (Bereshit 15:15): “E tu te unirás a teus **pais** em paz e serás **sepultado** após boa **velhice**”. **Constatamos, portanto, que quando** o Todo-Poderoso fala a Avraham sobre sua morte, diz que ele se juntará a seus pais após morrer. Yaacov, antes de seu **falecimento, reuniu** seus **filhos**. Nesta oportunidade, consta a **seguinte** passagem na Torá (Bereshit 49:29): “E deu-lhes esta **ordem** e disse a eles: ‘Eu serei juntado a meu povo; enterrem-me **junto** a meus pais’”.



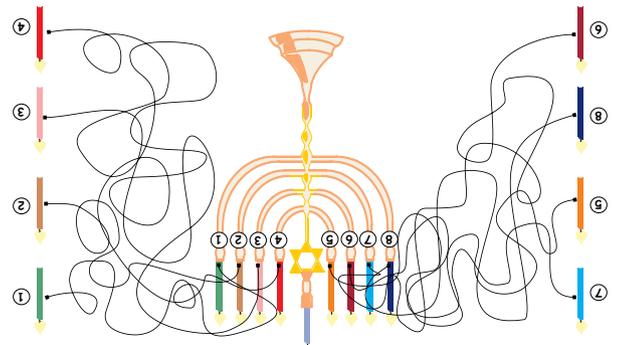
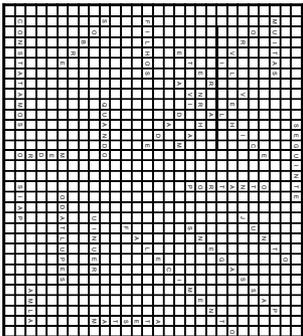
7 JOGO DOS ERROS



TRILHA MALUCA



Respostas:



Kislev ⁵⁷⁸¹ | 17 de Novembro de 2020 a
15 de Dezembro de 2020

ROSH CHÔDESH

Terça-feira, dia 17 de novembro.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Halel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi): Domingo, dia 22 de novembro, às 19h04m (horário para São Paulo).

Final: Segunda-feira, dia 30 de novembro, às 3h56m (horário para São Paulo).

BARECH ALÊNU

Começa-se a recitar o trecho de Barech Alênu (veten tal umatar) nas amidot a partir do Arvit de Motsaê Shabat, dia 5 de dezembro.

CHANUCÁ

De 10 a 18 de dezembro.

Primeira vela - Quinta-feira, dia 10 de dezembro à noite.

Oitava vela - Quinta-feira, dia 17 de dezembro à noite.

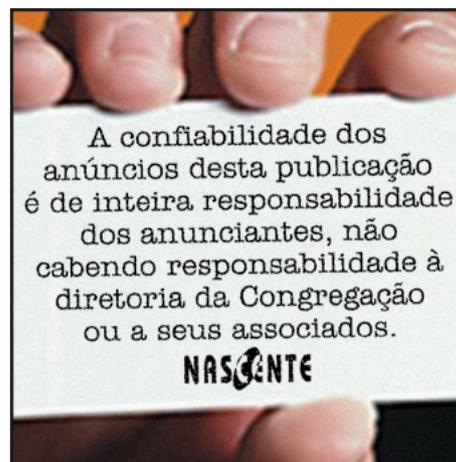
Em Chanucá é proibido jejuar.

Durante os dias de Chanucá não se diz Tachanun, recita-se o Halel completo e faz-se as leituras especiais na Torá. Nesta festa, instituída por nossos sábios, celebramos a grande salvação que D'us proporcionou aos macabeus, que apesar de serem poucos, se comparados com as forças helenísticas, derrotaram-nas. Comemoramos também o milagre da ânfora de azeite, cujo conteúdo bastava para um único dia, mas que durou oito – o tempo necessário para a produção de novo azeite puro.

Chanucá quer dizer inauguração (ou consagração) e refere-se à reconsagração do Templo ao serviço Divino, após ter sido profanado com imagens e práticas pagãs durante o domínio greco-assírio.

Chanucá é observada durante oito dias, a partir do dia 25 de Kislev, com o acendimento da chanukiyá ao anoitecer.

De preferência, acende-se a chanukiyá imediatamente após o aparecimento das estrelas e não muito tarde a ponto de não haver mais transeuntes nas ruas ou membros da família acordados em casa, para cumprir a obrigação de divulgar o milagre. Durante meia hora após o acendimento, em honra às luzes de Chanucá, evitamos realizar qualquer trabalho – especialmente as mulheres, pois elas tiveram participação decisiva no desfecho dos acontecimentos da história de Chanucá. Tanto os homens quanto as mulheres têm obrigação de acender as luzes de Chanucá. Porém, mulheres casadas somente devem acender quando o marido está ausente. Os sefaradim costumam acender uma chanukiyá por casa, devendo, de preferência, ser acesa pelo chefe da família com a presença de todos. Os ashkenazim têm o costume de cada membro da família acender a sua própria chanukiyá, exceto as mulheres. Costuma-se colocar as velas na chanukiyá da direita para a esquerda, mas devem ser acesas da esquerda para a direita. Há quem costuma acender as velas com o auxílio do shamash e há os que utilizam uma outra vela. De qualquer forma, as bênçãos devem ser proferidas antes do acendimento da vela do dia – e não antes do acendimento do shamash.



KADUR
by Optimist

*Deseja sucesso
para toda a
Kehilá!*

www.kadur.com.br

**Uma Mishná
Por Dia**

Mais de 1400 áudios publicados

Acesse o site
ohelmoshe.com.br
ou baixe o app Android

por R. Daniel Faour

KALIMO

Parabeniza a Congregação pela
divulgação dos valores judaicos.

5781 Tevet

16 de Dezembro de 2020 a
13 de Janeiro de 2021

ROSH CHÔDESH

Quarta-feira, dia 16 de dezembro.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se o Hallel completo (por ser Chanucá) em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

JEJUM 10 DE TEVET

Sexta-feira, 25 de Dezembro.

Início - 04h01m. Término - 19h24m após o Kidush (em São Paulo).

Foi nesta data que Nabucodonossor, rei da Babilônia, completou o cerco de Jerusalém e a cidade passou a sofrer as consequências deste sítio.

Este foi o início do processo que culminou com a destruição do Primeiro Templo e o Exílio Babilônico.

BIRCAT HALEVANÁ

PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Segunda-feira, 21 de dezembro, às 23h51m

(horário para São Paulo).

Final: Terça-feira, 29 de dezembro,

às 04h04m (em São Paulo, no horário de verão).

NASCENTE

Faça seu site conosco!

**Equipe especializada em
desenvolvimento de sistemas web (CRM, ERP, CMS)
Criação de sites e portais personalizados**



Fone: 11 3822-1416

revista_nascente@hotmail.com

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

27 de novembro	-	18h17m	01 de janeiro	-	18h36m
04 de dezembro	-	18h22m	08 de janeiro	-	18h38m
11 de dezembro	-	18h27m	15 de janeiro	-	18h38m
18 de dezembro	-	18h31m	22 de janeiro	-	18h37m
25 de dezembro	-	18h34m	31 de janeiro	-	18h35m

PARASHAT HASHAVUA

28 de novembro	-	Parashat: Vayetsê Haftará: Veami Teluim (sefaradim)
05 de dezembro	-	Parashat: Vayishlach Haftará: Chazon Ovadyá (sefaradim)
12 de dezembro	-	Parashat: Vayêshev Haftará: Roni Vessimchi (Chanucá)
19 de dezembro	-	Parashat: Mikets Haftará: Vayicats Shelomô
26 de dezembro	-	Parashat: Vayigash Haftará: Vayhi Devar Hashem
02 de janeiro	-	Parashat: Vaychi Haftará: Vayicrevu Yemê David Lamut
09 de janeiro	-	Parashat: Shemot Haftará: Divrê Yirmeyáhu (sefaradim)
16 de janeiro	-	Parashat: Vaerá Haftará: Côm Amar Hashem
23 de janeiro	-	Parashat: Bôm Haftará: Hadavar Asher Diber Hashem

HORÁRIO DAS TEFILOT

Shachrit - De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin), 06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).

Aos sábados - 08h15m (principal), 08h20m (Zechut Avot), 08h40m (infanto-juvenil) e 08h45m (ashkenazim).

Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.

Minchá - De domingo a quinta - 30 min. antes do pôr-do-Sol

Arvit - De domingo a quinta - 10 min. antes do pôr-do-Sol

MINCHÁ DE ÊREV SHABAT		MINCHÁ DE SHABAT			
27 de novembro	-	18h17m	28 de novembro	-	17h20m
04 de dezembro	-	18h22m	05 de dezembro	-	17h25m
11 de dezembro	-	18h27m	12 de dezembro	-	17h30m
18 de dezembro	-	18h31m	19 de dezembro	-	17h35m
25 de dezembro	-	18h34m	26 de dezembro	-	17h35m
01 de janeiro	-	18h36m	02 de janeiro	-	17h40m
08 de janeiro	-	18h38m	09 de janeiro	-	17h40m
15 de janeiro	-	18h38m	16 de janeiro	-	17h40m
22 de janeiro	-	18h37m	23 de janeiro	-	17h40m

TABELA DE HORÁRIOS KISLEV / TEVET 5781

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussaf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset	
					Novembro											
17	3:59	4:23	5:13	7:43	7:55	8:32	8:58	9:39	11:52	12:25	12:42	12:58	17:07	17:22	18:30	
18	3:59	4:23	5:13	7:43	7:55	8:32	8:58	9:39	11:52	12:25	12:42	12:58	17:08	17:23	18:31	
19	3:59	4:22	5:12	7:43	7:55	8:32	8:58	9:38	11:52	12:25	12:42	12:58	17:08	17:23	18:31	
20	3:58	4:22	5:12	7:43	7:54	8:32	8:58	9:39	11:52	12:25	12:42	12:59	17:09	17:23	18:32	
21	3:58	4:22	5:12	7:43	7:55	8:32	8:58	9:39	11:52	12:26	12:43	12:59	17:10	17:24	18:33	
22	3:57	4:22	5:12	7:43	7:54	8:32	8:58	9:39	11:53	12:26	12:43	13:00	17:10	17:25	18:34	
23	3:57	4:22	5:12	7:43	7:54	8:32	8:58	9:39	11:53	12:26	12:43	13:00	17:10	17:25	18:34	
24	3:57	4:21	5:11	7:43	7:55	8:32	8:58	9:39	11:53	12:26	12:44	13:00	17:11	17:26	18:35	
25	3:57	4:21	5:11	7:43	7:55	8:32	8:58	9:39	11:54	12:27	12:44	13:01	17:12	17:27	18:36	
26	3:56	4:21	5:11	7:42	7:54	8:32	8:58	9:39	11:54	12:27	12:44	13:01	17:12	17:27	18:36	
27	3:56	4:21	5:11	7:42	7:54	8:32	8:58	9:40	11:54	12:28	12:44	13:01	17:13	17:28	18:37	
28	3:56	4:21	5:11	7:43	7:54	8:33	8:58	9:40	11:54	12:28	12:45	13:02	17:14	17:29	18:38	
29	3:56	4:21	5:11	7:43	7:54	8:33	8:58	9:40	11:54	12:28	12:45	13:02	17:14	17:29	18:38	
30	3:56	4:21	5:11	7:43	7:55	8:33	8:59	9:40	11:55	12:29	12:46	13:02	17:15	17:29	18:39	
Dezembro																
1	3:56	4:21	5:11	7:43	7:55	8:33	8:59	9:41	11:56	12:29	12:46	13:03	17:16	17:30	18:40	
2	3:56	4:21	5:11	7:44	7:55	8:34	8:59	9:41	11:56	12:30	12:47	13:04	17:17	17:31	18:41	
3	3:56	4:21	5:11	7:44	7:55	8:34	8:59	9:41	11:56	12:30	12:47	13:04	17:17	17:31	18:41	
4	3:56	4:21	5:11	7:44	7:56	8:34	9:00	9:41	11:56	12:30	12:47	13:04	17:18	17:32	18:42	
5	3:56	4:21	5:11	7:44	7:56	8:34	9:00	9:42	11:57	12:31	12:48	13:05	17:18	17:33	18:43	
6	3:56	4:22	5:12	7:44	7:56	8:35	9:00	9:42	11:58	12:31	12:48	13:05	17:19	17:33	18:43	
7	3:56	4:22	5:12	7:44	7:56	8:35	9:00	9:43	11:58	12:32	12:49	13:06	17:19	17:34	18:44	
8	3:56	4:22	5:12	7:45	7:56	8:35	9:01	9:43	11:58	12:32	12:49	13:06	17:20	17:35	18:45	
9	3:56	4:22	5:12	7:45	7:56	8:35	9:01	9:43	11:58	12:32	12:49	13:06	17:20	17:35	18:45	
10	3:56	4:22	5:12	7:45	7:57	8:36	9:01	9:43	11:59	12:33	12:50	13:07	17:21	17:36	18:46	
11	3:56	4:23	5:13	7:45	7:57	8:36	9:01	9:44	12:00	12:34	12:50	13:08	17:22	17:37	18:47	
12	3:56	4:23	5:13	7:45	7:57	8:36	9:01	9:44	12:00	12:34	12:50	13:08	17:22	17:37	18:47	
13	3:57	4:23	5:13	7:46	7:58	8:37	9:02	9:45	12:01	12:34	12:51	13:08	17:23	17:38	18:48	
14	3:57	4:24	5:14	7:46	7:58	8:38	9:02	9:45	12:01	12:35	12:51	13:09	17:23	17:38	18:48	
15	3:57	4:24	5:14	7:46	7:58	8:38	9:03	9:46	12:02	12:35	12:52	13:09	17:24	17:38	18:49	
16	3:57	4:24	5:14	7:46	7:58	8:38	9:03	9:46	12:02	12:36	12:52	13:10	17:25	17:39	18:50	
17	3:58	4:25	5:15	7:47	7:59	8:39	9:04	9:47	12:03	12:36	12:53	13:10	17:25	17:39	18:50	
18	3:58	4:25	5:15	7:48	7:59	8:39	9:04	9:47	12:03	12:37	12:54	13:11	17:26	17:40	18:51	
19	3:59	4:26	5:16	7:48	8:00	8:40	9:05	9:48	12:04	12:37	12:54	13:11	17:26	17:40	18:51	
20	3:59	4:26	5:16	7:48	8:00	8:40	9:05	9:48	12:04	12:38	12:54	13:12	17:27	17:41	18:52	
21	3:59	4:26	5:16	7:48	8:00	8:40	9:05	9:48	12:04	12:38	12:54	13:12	17:27	17:41	18:52	
22	4:00	4:27	5:17	7:50	8:01	8:41	9:06	9:49	12:05	12:39	12:56	13:13	17:28	17:42	18:53	
23	4:00	4:27	5:17	7:50	8:01	8:41	9:06	9:49	12:05	12:39	12:56	13:13	17:28	17:42	18:53	
24	4:01	4:28	5:18	7:50	8:02	8:42	9:07	9:50	12:06	12:40	12:56	13:14	17:29	17:43	18:54	
25	4:01	4:28	5:18	7:50	8:02	8:42	9:07	9:50	12:06	12:40	12:56	13:14	17:29	17:43	18:54	
26	4:02	4:29	5:19	7:52	8:03	8:43	9:08	9:51	12:07	12:41	12:58	13:15	17:30	17:44	18:55	
27	4:03	4:30	5:20	7:52	8:04	8:44	9:09	9:52	12:08	12:41	12:58	13:15	17:30	17:44	18:55	
28	4:03	4:30	5:20	7:52	8:04	8:44	9:09	9:52	12:08	12:42	12:58	13:16	17:30	17:44	18:56	
29	4:04	4:31	5:21	7:53	8:05	8:45	9:10	9:53	12:09	12:42	12:59	13:16	17:31	17:45	18:56	
30	4:04	4:31	5:21	7:53	8:05	8:45	9:10	9:53	12:09	12:42	12:59	13:16	17:31	17:45	18:56	
31	4:05	4:32	5:22	7:54	8:06	8:46	9:11	9:54	12:10	12:43	13:00	13:17	17:31	17:45	18:57	
Janeiro																
1	4:05	4:33	5:23	7:54	8:06	8:46	9:11	9:54	12:10	12:44	13:00	13:18	17:32	17:46	18:57	
2	4:06	4:33	5:23	7:55	8:07	8:46	9:11	9:54	12:10	12:44	13:00	13:18	17:32	17:46	18:57	
3	4:07	4:34	5:24	7:56	8:08	8:47	9:12	9:55	12:10	12:44	13:01	13:18	18:32	17:47	18:57	
4	4:07	4:35	5:25	7:56	8:08	8:48	9:12	9:56	12:12	12:45	13:01	13:19	17:32	17:47	18:58	
5	4:07	4:35	5:25	7:56	8:08	8:48	9:12	9:56	12:12	12:45	13:01	13:19	17:32	17:47	18:58	
6	4:09	4:36	5:26	7:58	8:09	8:49	9:14	9:57	12:12	12:46	13:02	13:20	17:33	17:48	18:58	
7	4:10	4:37	5:27	7:58	8:10	8:50	9:14	9:57	12:12	12:46	13:03	13:20	17:34	17:48	18:58	
8	4:11	4:38	5:28	7:59	8:11	8:50	9:15	9:58	12:13	12:47	13:03	13:20	17:34	17:48	18:58	
9	4:11	4:38	5:28	7:59	8:11	8:51	9:15	9:58	12:14	12:47	13:04	13:21	17:35	17:49	18:59	
10	4:12	4:39	5:29	8:00	8:12	8:52	9:16	9:59	12:14	12:48	13:04	13:22	17:35	17:49	18:59	
11	4:13	4:40	5:30	8:01	8:12	8:52	9:17	10:00	12:15	12:48	13:04	13:22	17:35	17:49	18:59	
12	4:14	4:40	5:30	8:02	8:13	8:52	9:17	10:00	12:15	12:48	13:05	13:22	17:35	17:49	18:59	
13	4:15	4:41	5:31	8:02	8:14	8:53	9:18	10:00	12:15	12:49	13:05	13:22	17:35	17:49	18:59	



"Anjos"

CHAYIM WALDER

Meu nome é Yossi.

Moro em Netânia e estudo na sexta série.

Tenho um bom amigo, cujo nome é Uzi.

Uzi é exatamente dois dias mais velho do que eu. Ele mora na mesma rua que eu.

Sempre vamos juntos para a escola e voltamos juntos para casa.

Um dia, no meio do caminho, quando chegamos ao final da rua, avistamos o velho senhor Boim tentando juntar dois pedaços de madeira com um prego.

- O que está fazendo, Sr. Boim? - perguntou Uzi.

- Vocês podem sair da luz?! - exclamou Sr. Boim, nervoso.

- Perdão - dissemos, enquanto nos movíamos para o lado. Mas Uzi não se deu por vencido:

- O que o senhor está construindo, Sr. Boim? - continuou a perguntar.

Sr. Boim desviou seu olhar por um momento dos dois pedaços de madeira, olhou em nossa direção e disse:

- Estou construindo uma sinagoga. E agora, sumam daqui!

Demos risada e fomos embora. Era muito engraçado imaginar que o Sr. Boim pretendia construir uma sinagoga com aqueles dois pedaços de madeira.

No dia seguinte, vimos novamente o Sr. Boim batendo pregos. Desta vez, os dois pedaços de madeira do dia anterior estavam presos e, entre eles, havia uma plataforma de madeira.

- O que está fazendo, Sr. Boim? - perguntou Uzi.

Sr. Boim nem se deu ao trabalho de levantar os olhos.

- Uma sinagoga, já lhe disse...

Fomos embora e, de repente, pulei e disse:

- Já sei o que ele está construindo: um shtender! Era um porta livros que se coloca na frente das cadeiras.

Assim, passamos a acompanhar, dia após dia, o trabalho da construção da sinagoga.

O Sr. Boim construiu também as cadeiras, a bimá e o Aron Hacôdesch. Ele tinha boas mãos.

- Onde será a sinagoga? - perguntou Uzi, um dia.

- Aqui, no primeiro andar de minha casa - disse o Sr. Boim, absorto em seu trabalho.

O Sr. Boim tinha uma velha casa de dois andares. Ele costumava alugar o primeiro andar para outras pessoas mas, pelo jeito, decidira transformá-lo em uma sinagoga.

Passaram-se meses e o Sr. Boim ainda construía, lixava, pintava.

A nova sinagoga começou a florescer perante nossos olhos.

Uma semana depois estávamos andando ao lado da casa do Sr. Boim quando o vimos, sobre uma escada, desenhando algo na parede da entrada.

Sobre a parede apareciam os seguintes dizeres: "Sinagoga Chasdê Efráyim".

No dia seguinte, apareceram avisos em toda a cidade, convidando o público para participar das orações na nova sinagoga "Chasdê Efráyim".

Chegamos no dia seguinte na hora de Minchá.

Havia três pessoas lá dentro: o Sr. Boim e dois homens que não conhecíamos.

Sr. Boim veio ao nosso encontro alegremente:

- Que bom que vieram! Estes são meus dois filhos. Vieram ajudar-me.

Permanecemos em silêncio.

Uzi disse-me baixinho:

- Veja, ele não tem minyan.

Mas o Sr. Boim parecia muito feliz. Ele olhou para o relógio e disse.

- Com certeza, o pessoal está atrasado. Eles ainda não se acostumaram à nova sinagoga.

Os minutos foram passando. Mais três pessoas apareceram, mas ainda faltavam quatro para o minyan.

Percebendo que não havia 10 homens, o Sr. Boim disse:

- Vou correndo lá fora providenciar um minyan.

Ele saiu da sinagoga e, depois de alguns minutos, trouxe dois homens que já haviam rezado, mas que concordaram em completar o minyan.

- Temos minyan! - exclamou com alegria.

- Mas, Sr. Boim - disse Uzi. - Só há oito homens aqui e, para um minyan, são necessários dez!

Sr. Boim pareceu surpreso. Ele levantou a cabeça, observou todos os presentes e disse com voz firme:

- Somos dez! Certo!

- Sr. Boim - eu lhe disse olhando para baixo - eu e Uzi só temos 12 anos, ainda não temos bar mitsvá.

- Então por que ficaram zanzando por aí durante meses, atrapalhando?

Sr. Boim ficou irritado e correu para fora para trazer mais dois.

No último minuto a reza começou. O Sr. Boim parecia radiante de tanta felicidade.

Nós também rezamos.

Na verdade, Uzi ficou um tanto ofendido com o tratamento do Sr. Boim, mas eu o acalmei, explicando que ele devia estar muito preocupado e tenso com toda a história da sinagoga; era este o motivo de sua impaciência.

Os dias se passaram. A cada dia o Sr. Boim acrescentava mais um enfeite ou móvel novo à sinagoga. No entanto, quanto mais cadeiras tinham, menos pessoas apareciam para rezar.

Todo dia, cerca de uma hora antes de Minchá, víamos o Sr. Boim correndo entre as casas, suplicando para que as pessoas fossem à sua sinagoga.

Todo garoto no bairro que fazia bar mitsvá ganhava um grande presente do Sr. Boim, para que fosse participar do minyan. Mas eles iam somente durante uma ou duas semanas, e depois paravam. Isso porque a sinagoga do Sr. Boim ficava no final do bairro, num local bastante afastado. Já no centro havia uma grande sinagoga, repleta de minyanim, onde era mais confortável rezar.

Uzi e eu íamos todo dia para a sinagoga, mas parece que isso só deixava o Sr. Boim nervoso. Não por maldade, D'us nos livre. Ele simplesmente ficava chateado porque não podíamos completar o seu minyan e só o confundíamos na hora de contar as pessoas.

Depois de presenciarmos durante algumas semanas o sofrimento do Sr. Boim, tive uma ideia.

- Vamos para a Rua das Rosas - disse para Uzi - e tentemos ajudar o Sr. Boim a trazer pessoas para o minyan.

A Rua das Rosas era uma rua movimentada, ao final de nossa rua.

Fomos.

Muitas pessoas passavam por lá, mas eu estava com vergonha de abordá-las.

Uzi sempre foi menos tímido.

- Senhor, poderia, por favor, ajudar-nos a completar um minyan? - dirigiu-se a um homem que não tinha kipá.

- Minyan? - espantou-se o homem. - O que é isso? - e, dando de ombros, continuou o seu caminho.

- Senhor - Uzi dirigiu-se a outro homem sem kipá - talvez poderia participar da oração de Minchá?

O homem pareceu confuso, mas disse: - Onde?

- Siga esta rua - disse-lhe Uzi. - No número 36 há uma sinagoga no primeiro andar.

O homem fez o que Uzi disse.

Nós permanecemos lá, porque sabíamos que ainda faltavam mais duas pessoas para completar o minyan.

Conseguimos recrutar mais dois em dez minutos.

Com a missão cumprida, eu disse a Uzi:

- Vamos para a velha sinagoga, não para a do Sr. Boim.

- Por quê? - Uzi se espantou.

- Tenho medo que o Sr. Boim fique bravo conosco por lhe mandarmos pessoas desconhecidas - expliquei.

De fato, daquele dia em diante, ficávamos na rua, mandávamos pessoas para completar o minyan e íamos rezar na velha sinagoga.

Assim, passou-se meio ano e nós dois fizemos bar mitsvá.

No nosso bar mitsvá lemos na Torá na sinagoga que meu pai e o pai de Uzi frequentam. Alguns dias depois do nosso bar mitsvá, Uzi me disse:

- Venha! Vamos para a sinagoga Chasdê Efráyim. Agora já podemos completar minyan. Ouvi dizer - ele acrescentou - que o Sr. Boim já tem um minyan fixo mesmo sem as pessoas que nós lhe mandamos.

Com muito orgulho, dirigimo-nos à sinagoga, onde não estivemos por quase meio ano.

Fomos recebidos pelo Sr. Boim:

- São vocês? Quase não os reconheci! Por que não vieram por todo este tempo? Deve ser porque viram que no começo não tinha minyan. Mas saibam que o único motivo para a falta de minyan é que a sinagoga era muito nova e desconhecida. Mais ou

menos desde que vocês pararam de vir, tivemos minyan todo dia. Até mesmo pessoas não religiosas vinham rezar! – disse o Sr. Boim com orgulho.

– Sério? – dissemos com espanto.

– E como! – exclamou o Sr. Boim. – Todo dia vinham algumas pessoas desconhecidas. Quando perguntava quem os havia mandado, diziam: “Dois garotos da rua principal pediram que viéssemos”.

– Mas eu – revelou-nos o Sr. Boim em voz baixa – não acredito nesta história. Não conheço nenhum garoto que tivesse interesse em trazer gente da rua para cá. Eu acho que são dois anjos que D’us mandou para me ajudar. Certamente Ele viu quanto esforço dediquei à construção desta sinagoga e quanta tristeza e desespero passei quando precisei, pela primeira vez em minha vida, rezar sem minyan...

– Não contem a ninguém o que lhes contei agora sobre os dois anjos – sussurrou aos nossos ouvidos – porque as pessoas não iriam acreditar e pensariam que só estou inventando.

– O senhor sabe, Sr. Boim? – respondi – o senhor mesmo é um anjo...

O Sr. Boim olhou para nós em silêncio, quando um raio de compreensão passou pelos seus olhos. Ele não disse nada. Só nos abraçou, emocionado.

– “Ashrê yoshevê vetecha...” – ouviu-se a voz do chazan iniciando a oração.

Tradução de Guila Koschland Wajnryt

Permissões exclusivas para a NASCENTE

Chayim Walder em “Yeladim Messaperim al Atsmam”,

baseado em cartas recebidas de crianças.

Portal judaico brasileiro

NASCENTE

www.revistanascente.com.br

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica

Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi

Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour

E muito mais!



Leiluy Nishmat

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l

Raffaele ben Salha Picciotto z"l

Siahou Haim Dayan ben Adel z"l

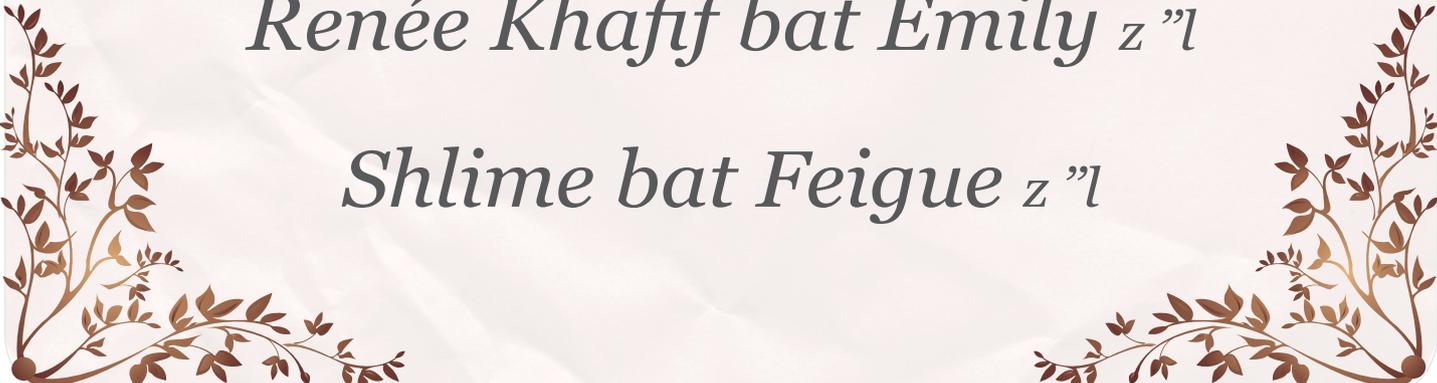
Simon Alouan ben Guilsome z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Ester Ides bat Israel Chaim z"l

Renée Khafif bat Emily z"l

Shlime bat Feigue z"l



APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!



Leiluy Nishmat
Sr. Charles Cohab Z"L
Sr. Alberto Douer Z"L



Bank Cainvest

www.cainvest.com